

**UNICESUMAR – CENTRO UNIVERSITÁRIO CESUMAR
PROGRAMA DE MESTRADO EM PROMOÇÃO DA SAÚDE**

**A VIOLÊNCIA NA ESCOLA:
UMA REFLEXÃO A PARTIR DE PERIÓDICOS NACIONAIS
PUBLICADOS ENTRE 2009-2014**

**RENATA SIMÕES DE BRITO CARDOSO
PROF^a Dr.^a REGIANE DA SILVA MACUCH**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**MARINGÁ
2015**

**UNICESUMAR – CENTRO UNIVERSITÁRIO CESUMAR
PROGRAMA DE MESTRADO EM PROMOÇÃO DA SAÚDE**

**A VIOLÊNCIA NA ESCOLA:
UMA REFLEXÃO A PARTIR DE PERIÓDICOS
NACIONAIS PUBLICADOS ENTRE 2009-2014**

Dissertação de mestrado apresentada ao Centro
Universitário de Maringá (UNICESUMAR), como
requisito à obtenção do título de Mestre em
Promoção da Saúde.

Linha de Pesquisa: EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS
NA PROMOÇÃO DA SAÚDE

**MARINGÁ
2015**

C436v **CARDOSO**, Renata Simões de Brito

A Violência na Escola: uma reflexão a partir de periódicos nacionais publicados entre 2009-2014. Renata Simões de Brito Cardoso. Maringá-PR.: Unicesumar, 2015. 92p.

Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário de Maringá – UniCesumar.
Área de Concentração: Promoção da Saúde
Orientadora: Prof^a. Dr^a Regiane da Silva Macuch.
Co-orientadora: Prof^a. Dr^a Sonia Cristina Soares Dias Vermelho.

1. Violência escolar. 2. *Bullying*. 3. Violência Simbólica. 4. Produção Científica.
5. Revisão Sistemática . Unicesumar. I Título.

CDD 370

RENATA SIMÕES DE BRITO CARDOSO

**A VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE PERIÓDICOS
NACIONAIS PUBLICADOS ENTRE 2009-2014**

Dissertação apresentada ao Centro Universitário de
Maringá – Unicesumar para obtenção do Título de Mestre
em Promoção da Saúde.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Regiane da Silva Macuch

Prof.^a Dr.^a Rute Grossi

Prof.^a Dr.^a Débora Sant'Ana

Maringá, 31 de Março de 2015.

Centro Universitário de Maringá- Unicesumar

Dedico este trabalho à minha mãe Maria Simões de Brito e meu pai José Borges de Brito por tudo o que representam em minha vida, aos meus irmãos que sempre me apoiaram nos estudos, ao meu esposo Maurício de Sousa Cardoso que, com paciência, compreendeu todos os momentos que me dediquei aos estudos, e me apoiou.

Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS, em primeiro lugar, que me proporcionou vida, saúde, capacidade de ir além dos meus conhecimentos e esperança para realizar mais um grande sonho em minha vida, o mestrado.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em PROMOÇÃO DA SAÚDE – PPGPS, do Centro Universitário de Maringá Unicesumar, pelos ensinamentos e conhecimentos compartilhados.

À Professora Dr^a. Regiane da Silva Macuch, minha orientadora, que, com sua atenção, paciência e apoio, me proporcionou uma nova perspectiva em minha vida pessoal e principalmente na profissional.

À Professora Dr^a Sonia Cristina Soares Dias Vermelho, minha co-orientadora, que também com paciência e apoio, me auxiliou em momentos oportunos que certamente contribuirão em minha vida pessoal e profissional.

À Professora Dr^a Lizia Helena Nagel, que me orientou no início do meu projeto e me ajudou na ampliação dos conhecimentos do mundo acadêmico.

Aos colegas do curso de mestrado, pelo carinho e convivência.

A todas as pessoas que contribuíram para a realização de mais uma conquista em minha vida, o meu sincero e carinhoso, obrigada.

A paz é entendida não apenas como a ausência de guerra, mas também de todo tipo de violência, do mesmo modo que o conceito de paz positiva, mas centrada nas relações interpessoais. Por isso, acredita-se que é 'na mente dos homens que se produzem as guerras', e é na mente dos homens que será preciso proporcionar os meios para evitá-las (JARES, 2002, p. 145).

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma discussão sobre as formas de violência, em especial, as que ocorrem no espaço escolar. A violência é um fenômeno de extrema importância e de preocupação que gera conflitos entre alunos e professores. Esse fenômeno preocupa a todos os envolvidos com a educação, no entanto, exige a participação de outros setores da sociedade, tendo em conta que abrange os espaços públicos e privados, tamanha a dimensão que ocupa. A necessidade de promover a saúde e qualidade nas relações sociais, necessariamente, passa pela discussão sobre as formas de romper com os conflitos de violência. Na escola, originam-se as relações interpessoais e, muitas vezes, as manifestações ocorrem de modo que os conflitos e as violências tornam-se difíceis de administrar. Este estudo vinculado à Linha de Pesquisa Educação e Tecnologias na Promoção da Saúde, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Promoção da Saúde – PPGPS, do Centro Universitário de Maringá – Unicesumar, teve como objeto de estudo a análise da produção científica sobre artigos que abordam o tema da violência escolar, violência simbólica na escola e *Bullying*. O período referente ao material pesquisado esteve entre os anos de 2009 ao primeiro semestre de 2014, a partir de pesquisas publicadas em periódicos nacionais, classificados com A (1 e 2) e B (1, 2 e 3) nos periódicos selecionados da base de dados da CAPES e da Scielo. Os objetivos específicos do estudo giraram em torno da conceituação da violência simbólica e *Bullying*, a identificação das formas de manifestações da violência simbólica nas escolas, apresentadas ou discutidas nestes periódicos e a verificação da frequência das temáticas pesquisadas relacionando com os tipos e/ou propostas de ação oferecidas nas escolas para a solução do problema. Como procedimento metodológico adotado foi desenvolvido uma análise de conteúdo. Esta análise realizou-se por fases, uma primeira avaliação dos periódicos, uma classificação da qualidade e da pertinência dos periódicos ao tema de estudo, uma avaliação do título do artigo, identificação das palavras-chave, leitura do resumo e, posteriormente, uma leitura dos artigos selecionados na íntegra para compor a discussão e análise. Conclui-se que a produção científica sobre a violência escolar, violência simbólica na escola e *Bullying*, no período selecionado, comprovam que a temática não se esgota por tratar-se de um assunto relevante que não somente para a educação, mas que inclui toda a sociedade e que marca as principais características comportamentais nas relações sociais e pedagógicas, no contexto histórico escolar brasileiro.

Palavras-chave: Violência escolar. *Bullying*. Violência Simbólica. Produção Científica. Revisão Sistemática.

ABSTRACT

This work presents a discussion of the forms of violence, especially those that occur at school. Violence is a phenomenon of great importance and concern that generates conflicts between students and teachers. This phenomenon concerns all those involved in education, however, requires the participation of other sectors of society, taking into account that covers public and private spaces, such is the size it occupies. The need to promote health and quality in social relations hinges on discussion on ways to break the cycles of violence. At school, originate interpersonal relationships and often the manifestations occur so that conflicts and violence are difficult to administer. This study linked to Education Research Line and Technologies in Health Promotion, Graduate Program *stricto sensu* in Health Promotion – PPGPS, University Center of Maringa – Unicesumar, had as study object the analysis of scientific literature on articles address the issue of school violence, symbolic violence at school and *bullying*. The period regarding the researched material was between the years 2009 to the first half of 2014 from research published in national journals classified as A (1 and 2) and B (1, 2 and 3) in selected journals in the database CAPES and Scielo. The specific objectives of the study centered on the concept of symbolic violence and *bullying*, the identification of forms of symbolic manifestations of violence in schools, presented or discussed in these journals and checking the themes of frequency researched relating to the types and / or proposals action offered in schools to address the problem. As a methodological procedure adopted content analysis. This analysis was carried out in stages, an initial assessment of journals, a rating of the quality and relevance of the study of periodic theme, article title Evaluating, identifying key words, reading the summary and later a reading of selected full articles for inclusion in the discussion and analysis. It is concluded that the scientific literature on school violence, symbolic violence at school and *Bullying* in the selected period show that the theme in runs out for being about a relevant topic not only for education, but that includes all of society and that marks the main behavioral characteristics in social and pedagogical relations in Brazilian school historical context.

Keywords: School violence. *Bullying*. Symbolic violence. Scientific Production. Systematic Revision.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1:	Número de produções encontradas no SciELO e no Portal da CAPES entre os anos de 2009 ao primeiro semestre de 2014.....	46
Tabela 2:	Número de periódicos com Qualis A (2) e B (1).....	47
Quadro 1:	Periódicos pesquisados e encontrados na SciELO e no portal de periódicos da CAPES, entre 2009 ao primeiro semestre de 2014.....	46
Quadro 2:	Produções selecionadas de periódicos da área Interdisciplinar para a análise em ordem cronológica.....	47
Quadro 3:	Síntese da produção selecionada, artigo 1 para a análise.....	48
Quadro 4:	Síntese da produção selecionada, artigo 2 para a análise.....	51
Quadro 5:	Síntese da produção selecionada, artigo 3 para a análise.....	55
Quadro 6:	Síntese da produção selecionada, artigo 4 para a análise.....	57
Quadro 7:	Síntese da produção selecionada, artigo 5 para a análise.....	58
Quadro 8:	Síntese da produção selecionada, artigo 6 para a análise.....	60
Quadro 9:	Síntese da produção selecionada, artigo 7 para a análise.....	62
Quadro 10:	Síntese da produção selecionada, artigo 8 para a análise.....	65
Gráfico 1:	Estudos analisados em periódicos sobre a violência na escola.....	68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRAPIA	–	Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência
ACS	–	Agentes Comunitários de Saúde
APEOESP	–	Sindicato Estadual dos Professores
CAPES	–	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEATS	–	Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor
CIEP	–	Centro Integrado de Educação Pública
CONEB	–	Conferência Nacional da Educação Básica
DCNT	–	Doenças Crônicas Não Transmissíveis
eSB	–	Equipe de Saúde Bucal
ESF	–	Estratégia Saúde da Família
FAPESP	–	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FIA	–	Fundo para Infância e Adolescência
GNV	–	Grupo Não Violento
GRI	–	Grupo de Recepção Integrada de alunos
GV	–	Grupo Violento
IBGE	–	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<i>KIDSCAPE</i>	–	Prevenir o Assédio Moral – Proteção das Crianças
MEC	–	Ministério da Educação e do Desporto
PCNs	–	Parâmetros Curriculares Nacionais
PeNSE	–	Pesquisa Nacional de Saúde Escolar
PPP	–	Projeto Político Pedagógico
PSE	–	Programa Saúde na Escola
SciELO	–	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SDQ	–	<i>Strengths and Difficulties Questionnaire</i>
SEADE	–	Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
UNESCO	–	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
1.1	EDUCAÇÃO E SAÚDE.....	15
1.2	VIOLÊNCIA, VIOLÊNCIA ESCOLAR, <i>BULLYING</i> E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA.....	22
1.2.1	A escola e a violência	26
1.2.2	<i>Bullying</i>	30
1.2.3	Violência Simbólica	36
2	METODOLOGIA	41
2.1	PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	44
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	46
3.1	ARTIGO 1: UMA REFLEXÃO SOBRE A VIOLÊNCIA A PARTIR DE UM ESTUDO SOBRE A AGRESSIVIDADE HUMANA.....	48
3.2	ARTIGO 2: A VIOLÊNCIA ESCOLAR NAS REPRESENTAÇÕES DA REALIDADE.....	51
3.3	ARTIGO 3: UM ESTUDO SOBRE AS CARACTERÍSTICAS COMPORTAMENTAIS DAS VÍTIMAS DE <i>BULLYING</i>	55
3.4	ARTIGO 4: COMPREENDENDO O <i>BULLYING</i>	57
3.5	ARTIGO 5: É POSSÍVEL TERMOS UMA ESCOLA JUSTA?.....	58
3.6	ARTIGO 6: A PREVALÊNCIA DO <i>BULLYING</i> EM ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS.....	60
3.7	ARTIGO 7: O QUE OS PROFESSORES SABEM SOBRE O <i>BULLYING</i> NA ESCOLA.....	62
3.8	ARTIGO 8: UM ESTUDO SOBRE JOVENS E VIOLÊNCIA ESCOLAR...	64
3.9	TENDÊNCIAS ENCONTRADAS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA ANALISADA: PRINCIPAIS ACHADOS.....	67
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
	REFERÊNCIAS	76
	APÊNDICES	83

INTRODUÇÃO

Todo e qualquer estudo sobre a violência na escola requer constante pesquisa e, em se tratando de uma temática tão abrangente e importante, é perceptível a evolução e as impressões que ela deixa na sociedade. No que se refere às manifestações de violência simbólica, nem sempre elas são tão visíveis na escola e, considerando a realidade social, sempre são vivenciadas em tempo real.

A busca pelo conhecimento a respeito da violência na escola é pertinente e necessária, visto que é um tema contemporâneo na sociedade e no ambiente escolar. Para tal, faz-se necessário recorrer a uma visão histórica e filosófica sobre o assunto.

A preocupação central na elaboração desta pesquisa foi compreender como o fenômeno da violência simbólica ocorre na escola e quais as discussões, sobre o respectivo assunto, realizadas por pesquisadores brasileiros nos últimos cinco anos e publicados em periódicos nacionais. Sabe-se que a violência é um assunto que não se esgota e que repercute em todas as esferas sociais.

As manifestações da violência simbólica na escola, por este ser um local de socialização, ocorrem frequentemente entre professores e alunos. Dessa forma, há a necessidade de saber como este tipo de violência é conceituada por esses pesquisadores, e como as representações de conflitos e de violências são compreendidas, e ainda, identificar a existência de ações na tentativa de minimizar esta problemática no interior dos espaços escolares.

As pessoas na escola determinam o ponto de vista, a percepção e os fatos vivenciados dentro deste ambiente, o que permeia todas as relações entre alunos e professores.

Neste sentido, este estudo identificou como problema de pesquisa a preocupação com relação ao aumento da violência simbólica nas escolas brasileiras, e apresenta-se sob a análise da produção brasileira sobre o tema violência na escola pública, a partir dos periódicos nacionais publicados no período de 2009-2014 nas bases de dados Scielo Brasil e periódicos do portal da Capes.

É essencial que haja uma maior compreensão do fenômeno da violência e que as pesquisas desenvolvidas sejam disseminadas para apresentar o que norteia as ações dentro da escola. A violência simbólica é um fenômeno que expressa de forma dissimulada uma correlação entre as desigualdades sociais e escolares.

Neste sentido, o objetivo geral deste estudo foi refletir sobre o fenômeno da violência simbólica na sociedade contemporânea e sua manifestação no ambiente escolar.

Os objetivos específicos da pesquisa foram: a) conceituar violência simbólica e *Bullying* no aspecto geral da palavra, a partir de pesquisas realizadas nos últimos cinco anos em periódicos nacionais Qualis A (1 e 2) e Qualis B (1, 2 e 3) que tratam da temática; b) identificar as formas de manifestações da violência simbólica nas escolas, apresentadas ou discutidas nos periódicos pesquisados; c) verificar a frequência das temáticas pesquisadas relacionando com os tipos e/ou propostas de ação oferecidas nas escolas para a solução do problema.

Para o desenvolvimento do estudo, buscou-se suporte teórico no conceito de violência simbólica criado pelo sociológico francês Pierre Bourdieu. Sua concepção de violência simbólica é determinada a partir das desigualdades sociais e culturais manifestadas na escola e mesmo que se democratize o ensino, os indivíduos pertencentes aos grupos socialmente dominantes posicionam-se de forma privilegiada.

O presente estudo vinculado à Linha de Pesquisa Educação e Tecnologias na Promoção da Saúde, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Promoção da Saúde – PPGPS, do Centro Universitário de Maringá – Unicesumar foi dividido em três capítulos, para além desta introdução e das considerações finais.

No capítulo 1, Educação e saúde, aborda-se os avanços que a Educação alcançou, desde a promulgação da Constituição de 1988, apontando a função social da educação, a defesa da escola pública, conforme a Conferência Nacional da Educação Básica, a qualidade da educação como critério de metas e ações. Assim como a Constituição de 1988 apresenta o direito de todos terem acesso à educação, também prevê aos cidadãos brasileiros, o direito à saúde.

A escola, por ser um espaço que permite discutir diversos assuntos, observa-se a discussão de um dos temas que deverá ser associado à saúde, ou seja, as práticas promotoras de saúde, sendo assim, se faz necessário uma interdisciplinaridade entre várias áreas da sociedade e do conhecimento. As atividades que promovam saúde são fundamentais para que as relações interpessoais ocorram de modo a proporcionar qualidade de vida aos alunos e professores. O Projeto Político Pedagógico das escolas deve nortear as ações educativas das mesmas e, dentre estas ações, devem estar inclusas aquelas que visam à promoção da saúde.

No capítulo 2, apresentam-se os pressupostos metodológicos da pesquisa. O estudo foi realizado com base em uma revisão bibliográfica que conceitua violência, violência escolar, *Bullying* e violência Simbólica, permitindo compreender as origens da violência e a sua complexidade.

Nas bases de dados dos portais de periódicos da CAPES e da SciELO Brasil foi possível encontrar oito produções disponibilizadas sobre violência na escola entre os anos de 2009 e o primeiro semestre de 2014, no entanto, esta pesquisa mostrou uma lacuna de produções sobre a violência simbólica da escola e produções publicadas em todas as regiões brasileiras. Desta forma, a amostra final ficou composta por oito artigos. Os artigos foram analisados individualmente pela ordem cronológica de publicação.

No capítulo 3, apresentam-se os resultados e a discussão sobre a análise dos artigos selecionados. Foi criado um subtítulo para cada artigo analisado, segundo o ano de publicação. Por meio da análise foi possível concluir que a produção científica sobre a violência escolar, violência simbólica na escola e *Bullying* é uma temática que não se esgota e que marca as principais características comportamentais nas relações sociais e pedagógicas, no contexto histórico da educação brasileira. Deve-se destacar que é um assunto que requer constante estudo e reflexão e que precisa ser aprofundado como tema de estudo.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 EDUCAÇÃO E SAÚDE

Com a promulgação da Constituição de 1988, após o movimento pela redemocratização do país, buscou-se inovações e compromissos na educação. O debate pedagógico reativou novas propostas, possíveis de serem conferidas nas Conferências Brasileiras de Educação entre 1980 a 1988, com destaque para a universalização e a gratuidade do Ensino Fundamental, assim como para a erradicação do analfabetismo.

Segundo a Conferência Nacional da Educação Básica – CONEB, à função social da educação cabe

[...] destacar o entendimento de que a educação é processo e uma prática social constituída e constituinte das relações sociais mais amplas. Essa concepção de educação, além de ampliar os espaços por onde pode ocorrer, sinaliza para a importância de que ela seja um processo contínuo de formação, ao longo da vida (BRASIL, 2008a, p. 31).

Na defesa da escola pública, gratuita, laica, democrática, inclusiva e de qualidade social, a permanência do indivíduo na escola deve ser garantida, o que torna esse direito, um desafio constante para a superação das desigualdades.

Por meio da sua função social é possível reconhecer o papel estratégico da escola e da educação, como citada na CONEB:

[...] na construção de uma nova ética centrada na vida, na solidariedade, sob uma cultura de paz, superando as práticas opressoras, de modo a incluir, efetivamente, grupos historicamente excluídos: povos tradicionais, negros, povos da floresta, indígenas, mulheres etc (BRASIL, 2008a, p. 32).

Quando a CONEB confere a qualidade na educação como critério de metas e ações, automaticamente isto requer maior investimento na educação básica, porém existem questões que envolvem financiamento, inclusão social, respeito à diversidade, gestão democrática, a formação e a valorização dos profissionais da educação entre outras. Para que haja consolidação do sistema nacional de educação, todos os aspectos que permeiam a sociedade e a escola como desigualdades sociais, étnico-raciais, de gênero e relativas à diversidade sexual, devem ser consideradas numa sociedade democrática e na cultura de paz (BRASIL, 2008a).

Atualmente, as escolas brasileiras têm se preocupado para além da qualidade de ensino e de vida dos educandos, com a saúde docente e discente. No entanto, um aspecto que compromete a rotina escolar é o alto índice de violência que se apresenta nas escolas.

A Constituição Federal Brasileira de 1988 cita no artigo 205 que é “direito de todos e dever do estado e da família” que a “educação [...] será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” No artigo 196 encontramos que:

A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para a promoção, proteção e recuperação (BRASIL, 1988, p. 41).

Na escola pode-se discutir os mais variados temas, inclusive, aqueles voltados para a saúde e a violência. Expressa de forma legítima e dissimulada uma correlação entre as desigualdades sociais e escolares. Algumas instituições escolares iniciaram as discussões sobre essa temática na tentativa de melhorar os ambientes escolares, sejam eles públicos ou privados. Mesmo sendo poucos os que desenvolvem ações para amenizar possíveis problemas na escola, isto já representa um grande passo no processo de reflexão sobre o assunto, no entanto, ainda é pouco diante do aumento significativo da violência nesses mesmos espaços.

O espaço escolar é um local propício para que ocorram práticas promotoras da saúde tais como o Programa “Mais Saúde: Direito de Todos”. Este programa foi lançado em 2008 pelo Ministério da Saúde e contempla setenta e três medidas e cento e sessenta e cinco metas, no eixo Medida 1.5. O Programa Saúde na Escola – PSE (BRASIL, 2008b), em consenso com o Ministério da Educação, visando atingir mais de 25 milhões de alunos de escolas públicas, entre os anos de 2008 a 2011, por meio do Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007, objetivou a formação integral dos alunos a partir de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde (BRASIL, 2007a).

Um dos objetivos do Programa foi promover a saúde e a cultura de paz, reforçando a prevenção de agravos à saúde, sendo que esse objetivo volta-se ao tema desta dissertação. Neste sentido, a escola sendo um local que promove a saúde deve focar a formação do aluno voltada para o desenvolvimento de um cidadão crítico, autônomo, praticante dos direitos e deveres, que cuida da saúde com qualidade de vida e tem atitudes mais saudáveis. Todas as ações que a escola propõe para a promoção da saúde podem ser potencializadas com apoio das equipes de Saúde da Família¹ (BRASIL, 1997b).

Segundo Brasil (2009), existem vários desafios para que as ações de promoção da saúde na escola aconteçam, entre eles, que o ensino de competências para vida seja integrado a todos os níveis escolares; que professores e funcionários das escolas e profissionais da Saúde da Família se instrumentalizem tecnicamente; que as práticas de risco sejam identificadas e vigiadas; que haja monitoramento e avaliação das iniciativas, com intuito de melhorar o compromisso das escolas na promoção da saúde de todos envolvidos nas instituições de ensino.

Nos Cadernos de Saúde Básica – Saúde na Escola (BRASIL, 2009) destacam-se que a escola deve estimular o desenvolvimento de atitudes saudáveis de seus alunados, de forma interdisciplinar e transversal, independentemente da

¹ A Estratégia Saúde da Família (ESF) é composta por equipe multiprofissional que possui, no mínimo, médico generalista ou especialista em saúde da família ou médico de família e comunidade, enfermeiro generalista ou especialista em saúde da família, auxiliar ou técnico de enfermagem e Agentes Comunitários de Saúde (ACS). Esta equipe também é composta por profissionais de saúde bucal (ou equipe de Saúde Bucal-eSB). Disponível em: <http://dab.saude.gov.br/portaldab/smp_como_funciona.php?conteudo=esf> Acesso em: 22 set. 2014.

disciplina que o professor atua. Os conteúdos deverão ser abordados de diversas perspectivas nas ações pedagógicas para que haja mudanças nas ações dos alunos, professores, pais, toda a comunidade escolar e que as relações sejam agradáveis entre alunos/alunos e alunos/professores.

Atividades voltadas para a Promoção da Saúde na escola são essenciais, visto que a realidade escolar é delicada quando se refere principalmente à ação docente e aos conteúdos estudados pelos alunos. As políticas públicas direcionadas à saúde e à educação tornam-se os setores que podem proporcionar a tão esperada qualidade de vida ao cidadão. No entanto, a promoção da saúde requer parcerias intersetoriais para desenvolver ações determinantes de saúde e qualidade de vida. Trabalhar com o tema saúde no ambiente escolar garante ao alunado seus direitos para que ele se torne um cidadão crítico, responsável e transformador da sua realidade.

Para que essas ações educativas sejam efetivas, a proposta de se trabalhar com o tema saúde na escola torna-se viável por meio da construção do Projeto Político Pedagógico – PPP. Acredita-se que o PPP é um instrumento de comunicação entre os membros da comunidade escolar, pois descreve e informa o que a comunidade pensa e de que forma se pode garantir a construção do cidadão. Assim, o PPP torna-se o retrato do que a escola pretende desenvolver em seu cotidiano (BRASIL, 1997a).

Vasconcellos (2006, p. 169), cita que o PPP é o plano global da instituição, pois “é um elemento de organização e integração da atividade prática da instituição no processo de transformação”. Assim, as escolas devem elaborar o Projeto Político Pedagógico que contempla a finalidade de cada organização educativa, expressada nos seus processos e metas propostos.

A partir do PPP, a escola poderá tornar uma escola promotora da saúde, sendo um instrumento que norteia a ação pedagógica e todas as ações educativas que possibilitam aos alunos terem suas necessidades reais assistidas (VASCONCELLOS, 2006).

A ideia de promover saúde para o ser humano na sua totalidade visa melhorar as condições de vida da população. Czeresnia e Freitas (2003) ressaltam que a

promoção da saúde deve ultrapassar a capacidade individual e coletiva para que a saúde seja determinante aos acontecimentos da vida.

É fundamental que os conhecimentos das ciências exatas, humanas e da saúde se relacionem com a promoção de saúde e com a escola promotora de saúde. Sendo assim, Wachowicz (2006) destaca a necessidade de a escola ser a ponte de transformação da realidade dos indivíduos.

Documentos como: Carta de Ottawa (1986), Declaração de Adelaide (1988)², Declaração de Sundsvall (1991)³, Declaração de Santafé Bogotá (1992)⁴, Declaração de Jacarta (1997) e Declaração do México (2000), orientam para que a promoção da saúde e a educação em saúde ocorram na escola.

Conforme a Carta de Ottawa (1986, p. 1), Promoção da Saúde é considerado como:

[...] o nome dado ao processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo um a maior participação no controle deste processo. Para atingir um estado de completo bem-estar físico, mental e social os indivíduos e grupos devem saber identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente. A saúde deve ser vista como um recurso para a vida, e não como objetivo de viver. Nesse sentido, a saúde é um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais e pessoais, bem como as capacidades físicas. Assim, a promoção da saúde não é responsabilidade exclusiva do setor saúde, e vai para além de um estilo de vida saudável, na direção de um bem estar global.

A Carta de Ottawa aponta que para Promoção da Saúde ocorra, deve-se oferecer ao indivíduo recursos essenciais para a saúde, como: “[...] paz, habitação, educação, alimentação, renda, ecossistema estável, recursos sustentáveis, justiça

² Publicação do Projeto Promoção da Saúde: Projeto Promoção da Saúde. Declaração de Alma-Ata; Carta de Ottawa; Declaração de Adelaide; Declaração de Sundsvall; Declaração de Santafé de Bogotá; Declaração de Jacarta; Rede de Megapaíses; Declaração do México. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2001. p. 25.

³ Publicação Projeto Promoção da Saúde. Declaração de Alma-Ata; Carta de Ottawa; Declaração de Adelaide; Declaração de Sundsvall; Declaração de Santafé de Bogotá; Declaração de Jacarta; Rede de Megapaíses; Declaração do México. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2001. p. 33.

⁴ Publicação do Projeto Promoção da Saúde. Declaração de Alma-Ata; Carta de Ottawa; Declaração de Adelaide; Declaração de Sundsvall; Declaração de Santafé de Bogotá; Declaração de Jacarta; Rede de Megapaíses; Declaração do México. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2001. p. 15

social e equidade” (BRASIL, 1986, p. 1), Esses pré-requisitos acrescentam à população maiores condições de saúde.

Promover saúde não é responsabilidade apenas do setor da saúde, mas deve integrar outros setores do governo federal, estadual e municipal, sendo estes, articuladores de políticas e de ações que visam condições de vida e de serviços essenciais à população (BRASIL, 2008a).

A promoção da saúde requer articulação, parceria, integração e fortalecimento dos vínculos homem/natureza. Para concretizá-la é necessário mobilizar esforços individuais e coletivos, bem como articular múltiplas dimensões da sociedade: cultural, econômica, social e política. Isto define o caráter multidisciplinar da educação em saúde (BRASIL, 2007b).

A vida na sociedade contemporânea é muito corrida, com isto, a qualidade decaiu com os abusos na alimentação e no sedentarismo. Surgem problemas sociais como: trânsito exacerbado, problemas com entorpecentes ilícitos, conflitos familiares entre outras situações agravantes da saúde.

Para que haja promoção de saúde é essencial que todos reflitam sobre o assunto abertamente na escola, compreendendo que a política, a economia e questões sociais estão interligadas aos programas de políticas públicas que atendem ao exercício da cidadania e a redução da desigualdade social, tendo uma alimentação saudável e praticando atividades físicas regularmente. Tudo isso contribui para uma vida de qualidade. O ambiente escolar é um campo ideal para que as práticas promotoras de saúde sejam estimuladas a partir de comportamentos, atitudes e valores entre os indivíduos para o exercício da cidadania.

Sendo a escola, um espaço de transformação do saber, de convivência entre os pares, outros instrumentos de ações poderão fazer parte da construção dos saberes, por exemplo, por meio da ideia de que ter qualidade de vida associada à qualidade no estudo, ambiente adequado à aprendizagem, relacionamentos não conflituosos e outros aspectos que estejam apropriados ao cotidiano de diferentes formas e momentos (BRASIL, 2008b).

No Programa Saúde na Escola, as ações são previstas por meios de Temas Transversais que os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997a) destacam: a saúde precisa ser discutida na escola de forma diversificada, porém em sintonia com demais propostas educacionais. O documento cita também que a qualidade de vida está vinculada à qualidade da água, do ar, dos alimentos e da saúde que se obtém por meio dessa composição.

A forma que as pessoas estão vivendo atualmente está relacionada ao aumento da violência urbana, redução de espaço público para o lazer, baixos níveis de atividade física e má qualidade na alimentação com ingestão de alimentos industrializados e alto teor calórico, vida sedentária, sem qualidade de vida, possibilitando o aumento da prevalência das doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) como: problemas respiratórios, hipertensão arterial, diabetes, obesidade, câncer e doenças cardiovasculares, e também deficiências nutricionais e doenças infecciosas.

O MEC – Ministério da Educação e do Desporto, ao elaborar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) destaca que o tema saúde se refere ao romper com a concepção biológica de saúde e que seja determinante nas questões sociais e as condições de saúde com a ação do poder público. Como citado a escola não se responsabilizará sozinha pela saúde, no entanto, poderá proporcionar elementos na construção do cidadão saudável (BRASIL, 1997a).

A ocorrência da Promoção da Saúde visa à melhoria da saúde e condições de vida das pessoas e da sociedade, considerando como recurso para a vida, incluir a promoção da saúde na matriz curricular permite, ao aluno, a garantia dos direitos de cidadania. O Fórum Mundial de Educação realizado em Dakar/Senegal, no ano de 2000, definiu a garantia dos indivíduos ao direito à educação, para que possam contribuir no desenvolvimento da sociedade em que vivem (BRASIL, 2000).

Sendo a escola um campo adequado para ampliar os conhecimentos em diferentes aspectos da vida poderá proporcionar ao aluno a aplicabilidade desses conhecimentos, de forma gradativa no cotidiano (BRASIL, 2009). No entanto, isto somente será possível se o aluno fizer, na escola, uma reflexão sobre a qualidade de vida: ter uma alimentação saudável, praticar atividades físicas e outras ações relacionadas à saúde, no contexto da sua realidade sociocultural, o que permitirá

compreender a importância, abordado em algum tipo de programa da saúde na escola. Refletir sobre a promoção requer da escola aulas diferenciadas e significativas, ações educativas que garantam educação permanente em saúde (BRASIL, 2000).

A saúde dos escolares e dos professores é alvo de pesquisas pelo alto índice de queixas principalmente de professores quanto aos transtornos mentais e de comportamento de crianças e de adolescentes. O aumento de crianças e de adolescentes usuários de drogas e de consumo de álcool tem gerado uma série de problemas na saúde pública e é essencial que o governo implemente políticas públicas que realmente surtam efeitos na sociedade.

Uma das preocupações dos profissionais da educação e da sociedade é a violência entre escolares, alunos/professores e alguns casos entre professores/alunos. Este assunto necessita de melhor envolvimento dos profissionais da educação.

1.2 VIOLÊNCIA, VIOLÊNCIA ESCOLAR, *BULLYING* E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Atualmente, o tema da violência tem sido alvo de diversas pesquisas na área das ciências humanas e sociais. O estudo apresentado está fundamentado por pesquisadores, como: Abramovay *et al.* (2002), Abramovay (2002, 2003 e 2005), Bourdieu (1983, 1996 e 2010), Bourdieu e Passeron (2008 e 2011), Caram (1978), Charlot (2002), D'Aurea-Tardeli e Paula (2009), Fante (2005), Lopes Neto (2005), Lopes Neto, Monteiro Filho e Saveedra (2003), Michaud (1989) Minayo (1993, 1994 e 1999), Pigatto (2010), Odalia (2004), Tavares dos Santos (2004) Santos (1999). Este é um assunto que requer cuidadosa reflexão, principalmente quando se quer compreender o fenômeno em seus vários aspectos, por exemplo, a violência simbólica dos professores para com os alunos e vice-versa.

A violência começou a ser analisada por estudiosos de diversas áreas, a partir do século XIX, quando passou a ser vista como um fenômeno social. A complexidade desta problemática envolve vários aspectos: econômicos, sociais, culturais e políticos que necessitam ser vistos de forma conectada.

Por tratar-se de um fenômeno complexo, a violência abrange diversas dimensões da vida, tais como: física, emocional, cultural e social que podem ser identificadas em diferentes âmbitos de violência, sejam elas, doméstica, infanto-juvenil, ao idoso, ao indígena, ao homossexual, à mulher, física, sexual, psicológica, urbana, de trânsito, escolar, entre outras (TAVARES DOS SANTOS, 2004).

Para D'Aurea-Tardeli e Paula (2009) um conflito não pode ser o mesmo que violência, no entanto, um conflito mal resolvido poderá originar-se em um ato violento. Atos violentos podem ser percebidos em diferentes locais e momentos. Podem se manifestar por meio de qualquer indivíduo independente da idade, das condições financeiras, sexo, etnias e motivos.

Durante muito tempo, a violência ficou a cargo de pesquisas exclusivas das Ciências Jurídicas, por ser interpretada apenas como crime. Porém, mais recentemente, tem-se compreendido a necessidade da incorporação do tema por outras áreas do conhecimento.

Caram (1978) aponta a complexidade do fenômeno da violência em diversas representações na sociedade e destaca, sobretudo, a necessidade de estudar a temática de forma interdisciplinar. Para o autor:

[...] a violência pode ser chamada de um estado, onde assume múltiplos papéis, tem inúmeras causas e se encontra submergida em vários domínios. Visto a violência ser um fenômeno complexo, sua análise, hoje, não pode mais se restringir ao aspecto moral de relações diretas e nem mesmo a alguns aspectos da economia, da política ou da sociologia. Ela atinge a totalidade da vida humana. Por isso, necessário se torna um estudo interdisciplinar, pois cada ciência poderá, direta ou indiretamente, contribuir para a compreensão da problemática. Embora, a rigor, a violência não pertença a nenhum campo específico dos quadros científicos. Como ato humano poderá ser estudado por qualquer ciência (CARAM, 1978, p. 13).

A preocupação do referido autor é a mesma de muitos agentes da Educação, o impacto que a violência tem na vida das pessoas merece atenção e compreensão da realidade de diferentes tipos de socialização entre os indivíduos.

Sabe-se que a violência não tem o mesmo conceito em períodos históricos anteriores, comparando com a atualidade, assim como, a violência também não é a mesma. Michaud (1989) já demonstrou, em suas pesquisas, a dificuldade de

conceituar violência. Vale destacar o significado do Dicionário Houaiss (2009, *on-line*) que conceitua violência como:

Qualidade do que é violento, por exemplo, a violência da guerra; ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém); ato violento, crueldade, força, por exemplo, sem lei, a polícia pratica violências contra o indivíduo, o gigante derrubou a porta com sua violência; exercício injusto ou discricionário, ger. ilegal, de força ou de poder, por exemplo, violência de um golpe de Estado; cerceamento da justiça e do direito; coação, opressão, tirania, por exemplo, viver num regime de violência; força súbita que se faz sentir com intensidade; fúria, veemência, por exemplo, a violência de um furacão, uma violência de sentimentos, a violência de sua linguagem; dano causado por uma distorção ou alteração não autorizada, por exemplo, violência da censura pouco esclarecida; o gênio irascível de quem se encoleriza facilmente, e o demonstra com palavras e/ou ações, por exemplo, temia a violência com que o avô recebia tais notícias; Rubrica: termo jurídico, constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação (DICIONÁRIO HOUAISS, 2009, *on-line*).

Sobre este conceito, Michaud (1989) analisa quando existe violência em situação de interação poderá ter vários atores envolvidos de forma direta e indireta, seja violência física, moral, possessiva, em participações simbólicas e culturais. Michaud (1989) não estabelece um único conceito de violência, uma vez que o mesmo possibilita várias interpretações que podem ser consideradas violentas. Ainda para o referido autor, a etimologia do termo:

[...] “violência” provém do latim *violentia*, que significa violência, caráter violento ou bravo, força. O verbo *violare* significa tratar com violência, profanar, transgredir. Tais termos devem ser referidos a *vis*, que quer dizer força, vigor, potência, violência, emprego de força física, mas também quantidade, abundância, essência ou caráter essencial de uma coisa. Mais profundamente, a palavra *vis* significa a força em ação, o recurso de um corpo para exercer sua força e, portanto, a potência, o valor, a força vital (MICHAUD, 1989, p. 8).

Para Minayo (1994) existem outras interpretações da palavra violência. Considerada como um fenômeno biopsicossocial que expressa a complexidade de uma sociedade, perfazendo uma compreensão histórica, sociológica e antropológica, que faz parte do desenvolvimento humano no espaço da vida em sociedade.

Ao conceituar violência, Abramovay (2005) alerta que se deve ter cautela, pois a violência é algo dinâmico e mutável. Cita que “suas representações, suas dimensões e seus significados passam por adaptações à medida que as sociedades se transformam” (ABRAMOVAY, 2005, p. 53). Aponta ainda que depende também do momento histórico, da localidade, do contexto cultural e de outros fatores lhe atribuí na dinâmica dos fenômenos sociais.

Tavares dos Santos (2004) menciona que, a violência surge como sociabilidade, enquanto um mecanismo de controle social, amplo e contínuo. Para o autor,

A violência seria a relação social de excesso de poder que impede o reconhecimento do outro – pessoa, classe, gênero ou raça – mediante o uso da força ou da coerção, provocando algum tipo de dano, configurando o oposto das possibilidades da sociedade democrática contemporânea (SANTOS, 2004, p. 107).

Abramovay (2002, p. 13) ainda cita que “[...] a violência é, cada vez mais, um fenômeno social que atinge governos e populações, tanto global quanto localmente, no público e no privado, estando seu conceito em constante mutação”.

O problema da violência também se destaca no discurso de Pigatto (2010), em um aspecto que sugere que os relacionamentos necessitam de maior humanização, cita, ainda, que as mudanças e as crises nos relacionamentos humanos e a ação frente à violência na escola é conscientizar que é uma tarefa de todos, e o professor, como agente do processo educacional, é essencial na formação do indivíduo para uma sociedade mais humana, mais ética e cidadã.

Devido aos acontecimentos que rodeiam a humanidade em relação ao fenômeno da violência, existe, sem dúvida, a dificuldade em conceituar violência. Minayo (1999, p. 10) destaca que:

É muito difícil conceituar violência, principalmente por ser ela, por vezes, uma resultante das intenções sociais; por vezes ainda, um componente cultural naturalizado. Os estudiosos que nos últimos tempos tem se debruçado sobre o tema, ouvido e descultuando toda a produção filosófica, mitológica e antropológica da humanidade lhe conferem um caráter de permanência em todas as sociedades e também de ambiguidade, ora sendo considerada como fenômeno

positivo, ora como negativo, o que retira de sua definição qualquer sentido positivista e lhe confere o status de fenômeno complexo (MINAYO, 1999, p.10).

O espaço escolar deve ser um ambiente de construção da cidadania, de socialização harmoniosa, de adquirir novos conhecimentos, e que esses conhecimentos possam ser aplicados no cotidiano do aluno. As práticas pedagógicas visam à coletividade e precisam ser atrativas para todos os indivíduos que se relacionam na escola, com intuito de desenvolver a ética, valores humanos e a cidadania.

1.2.1 A escola e a violência

A escola é um lugar propício para que as relações sociais se manifestem e por ser uma agência socializadora, representa um importante espaço para que se questione a respeito do convívio social e suas manifestações.

Para Santos (1999) a violência escolar pode ser experimentada de diferentes formas, pois tem significado diferente a partir do contexto no qual o indivíduo é formado. Esse contexto é o que, para ele, identifica o nível de tolerância que cada um tem frente à violência.

Essas contradições encontradas numa sociedade desigual permitem que manifestações de violência sejam expressas por meio de hábitos, costumes, tradições, linguagens, dos grupos diferenciados pela posição material a que pertencem. Essa realidade aparece na escola, muitas vezes, como agressões verbais e físicas, emocionais, de intolerâncias, xingamentos, roubos, brigas, entre outras incivildades.

A escola nunca esteve tão envolvida com assuntos referentes aos conflitos quanto na atualidade. Considerando que a instituição escolar é social apresenta contínuos conflitos, uma vez que é dentro de seus muros que culturas, etnias, costumes, linguagens, religiões se encontram e se manifestam das relações sociais. No entanto, a escola por sua vez, necessita exercer a função social de ensinar a

conviver em grupos e de se relacionar cada vez mais com pessoas diferentes em diversas situações (SANTOS, 1999).

Neste sentido, é de fundamental importância ampliar a visão referente à violência escolar, para evitar preconceitos e/ou estereótipos.

A violência se instala na escola por diversas formas e, muitas vezes, silenciosamente e acaba por surpreender a todos. Guimarães (1996, p. 77) destaca o seguinte: “[...] é importante argumentar que, apesar dos mecanismos de reprodução social e cultural, as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina”.

Não poucas vezes, os problemas de desentendimento diário entre os alunos, quando mal resolvidos, têm trazido sérias consequências na convivência deles em sala de aula, alimentando a violência já instalada socialmente. Diante destas situações, a expectativa do professor em relação ao comportamento dos alunos pode prejudicar o relacionamento professor/aluno. Outro ponto a destacar em relação à convivência com situações conflituosas na escola é a possibilidade das pessoas envolvidas desenvolverem “intolerância” afetando, de certa forma, sua maturidade emocional.

Abramovay e Rua (2003) citam que a violência escolar pode ser considerada muitas vezes como indisciplina, problemas relacionados entre seus pares sejam entre aluno/aluno ou professor/aluno, uma definição considerada do senso comum. A pesquisa feita pelas autoras revela que os alunos gostam quando o professor se relaciona com a turma além de ministrar apenas a aula, pois pode criar momentos de descontração, tornando fácil a aproximação e compreensão de assuntos que poderão gerar a violência.

A escola está acostumada a vivenciar situações de conflito que se não estiver atenta às pequenas ocorrências pode trazer grandes problemas para a convivência em sala de aula e para a escola. O professor e a escola jamais devem banalizar a violência, qualquer que seja a sua dimensão. À medida que não se toma providência diante de pequenas atitudes agressivas da criança, ela vai formando uma falsa ideia de que não precisa respeitar seus colegas, nem o professor. Isto, certamente, trará grande prejuízo na formação de seu caráter, tornando-a uma séria candidata a

marginalidade social. A correção do aluno deve ser feita com firmeza, mas com o devido respeito, conforme seu nível de desenvolvimento e compreensão.

Dentro do espaço escolar, o educando procura ampliar suas relações sociais mostrando uma identidade partindo de impulsos e de atitudes, tornando assim, a escola campo também de produção e reprodução de hábitos e de atitudes violentas.

Abramovay (2005, p. 26) apresenta um importante destaque, sobre a violência nas escolas:

Um segundo ponto de conflito é a falta de diálogo dos adultos da escola, representados por professores, diretores e outros membros do corpo técnico pedagógico, com os jovens. Demonstra-se um desinteresse pela cultura, condições e vida dos jovens, o que vai além da sua identidade como aluno. É comum a escola rotulá-los como sujeitos-problema, ou seja, indivíduos com atitudes e comportamento estranhos à instituição, como se a escola não fosse co-responsável da forma de ser desses.

A referida autora alerta para o conflito que ocorre dentro da escola, quando há o confronto a falta de entendimento entre duas ou mais partes, quando o respeito não existe e quando não há parâmetros sadios para que haja compreensão entre os envolvidos.

Os autores Silva e Salles (2010, p. 219) também lembram que:

[...] pesquisas sobre violência escolar no Brasil, destacam que a relação conflituosa entre alunos e professores tem gerado um medo constante entre professores, que apelam para a segurança policial, o que afeta a qualidade da interação educativa e o clima escolar.

Sabe-se que as agressões entre professor e aluno estão continuamente presentes nas escolas brasileiras, a ponto de crescer o número de professores afastados de suas atividades docentes acometidos por problemas de saúde.

As situações de conflito geradas dentro da escola, na verdade, além de prejudicarem o relacionamento entre professor e aluno, afetam a saúde de ambos e, como salienta Souza K. (2012), os professores sentem baixa autoestima e desinteresse na profissão e o aluno não tem mais vontade de aprender.

Como cita Souza K. (2012, p. 76),

[...] fica evidenciado a prevalência de casos suspeitos de distúrbios psíquicos elevados entre professores, e indícios da associação desta prevalência com as exigências do trabalho. Assim, a saúde mental dos professores pode estar associada ao conteúdo de seu trabalho.

Ora, o mundo de trabalho do professor está ligado ao ambiente escolar e todas as características que envolvem a função do docente, possibilitam manifestações de cansaço, esgotamento físico e mental, estresse, depressão, insônia, problemas cardiorrespiratório e digestivo.

Em uma pesquisa regional, divulgada em nove de maio de 2013, pelo Sindicato Estadual dos Professores (Apeoesp)⁵, desenvolvida entre os dias 18 de janeiro e 5 de março do mesmo ano, revela que 1.400 professores do ensino público, de 167 municípios do estado paulista, foram ouvidos sobre a violência escolar, destes, 44% confirmam que já foram vítimas de algum tipo de violência, seja física ou verbal (APEOESP, 2013).

Dos professores envolvidos como sujeitos da referida pesquisa, 57% consideram a escola que lecionam é violenta. Dos 65% que sofreram algum tipo de agressão são homens que lecionam no ensino médio e 84% sabiam de casos violentos nas escolas onde lecionavam ocorridos com outros professores (APEOESP, 2013).

Os docentes ainda apontaram que 74% da violência dentro da sala de aula é fruto da “falta de educação, de respeito e de valores”. Estes são considerados os maiores causadores de conflitos entre alunos e professores. 49% disseram que a violência na escola acontece porque a “educação em casa” é deficitária e 47% associam a causa da violência escolar pela desestruturação familiar (APEOESP, 2013).

A agressão verbal foi apontada com 74% das mais presentes na escola, 60% o *Bullying* e 53% o vandalismo. As escolas consideradas mais violentas do estado,

⁵ Pesquisa realizada em 9 de maio de 2013, pelo Sindicato Estadual dos Professores (APEOESP). Divulgada pelo Observatório da Violência, como reportagem especial sobre violência contra professores. Disponível em: <<http://www.apeoesp.org.br/publicacoes/observatorio-da-violencia/reportagem-especial-violencia-contra-professores/>> Acesso em: 18 nov. 2013.

81% são aquelas que ficam nas periferias e que essas instituições escolares não oferecem ações contra a violência, ou seja, a cada 10 escolas paulistas, quatro não têm nenhum projeto ou programa que auxilia no trabalho de prevenção à violência nas escolas, visto que 51% dos professores já sofreram algum tipo de agressão (APEOESP, 2013).

Não existe um consenso específico acerca do que caracteriza a violência escolar, até mesmo porque pode variar de acordo com o emissor (professor, diretor, aluno), idade e sexo.

Uma das constantes queixas de professores da rede pública diz respeito a falta de limites dos alunos, muito embora não seja uma particularidade do ensino público. Este aspecto está associado quando o aluno não cumpre as regras estabelecidas pela escola e automaticamente não as cumpre na sociedade, mas sempre que possível, muda ou ignora. Também ocorre que muitos pais não estão comprometidos com o que a escola dita como regra, um exemplo marcante dessas queixas é o *Bullying*.

1.2.2 ***Bullying***

Para Charlot (2010), a caracterização da violência escolar pode ser dividida em três níveis: violência, no que confere golpes, roubos e vandalismos; incivildades, ou seja, humilhações e falta de respeito; e violência institucional, considerando o desprazer no ensino, por parte dos alunos e insatisfação profissional, por parte dos professores. Entre todos os exemplos citados pelo autor, os processos de incivildades são considerados os mais praticados por alunos, encarados como formas psicológicas de agressão, mundialmente difundidas como *Bullying*.

Lopes Neto, Monteiro Filho e Saveedra (2003), conceituam *Bullying* para descrever ações intencionais agressivas e recorrentes, sem motivo evidente, adotadas por um ou mais pares (estudantes) contra outro, gerando sofrimento físico e emocional, dentro de uma situação desigual de poder. Já Fante (2005, p. 10) cita que é uma “forma de violência gratuita em que a vítima é constrangida, ameaçada,

intimidada, ridicularizada, discriminada, excluída, dentre outras formas, com o intuito de humilhar, menosprezar, inferiorizar e dominar” (FANTE, 2005, p. 10).

Sabe-se que o *Bullying* vem ocorrendo há séculos, seja no ambiente escolar ou fora dele, entretanto, só começou a apresentar destaque a partir da década de 90, no século passado (LOPES NETO, 2005). De acordo com Francisco e Libório (2009), tal destaque dá-se devido ao aumento constante de violência que vem ocorrendo em ambiente escolar.

O *Bullying* é uma palavra inglesa citada pela primeira vez por Dan Olwues (1993), nas suas investigações sobre tendências suicidas nos adolescentes. O termo *Bull* significa “touro” e ainda valentão. Também pode significar o ato de bancar o valentão contra alguém. Para Lopes Neto (2005), *Bullying* são todas as ações agressivas, intencionais e repetidas, praticadas por um ou mais indivíduo. Essas agressões podem causar angústias, dores, medos e até terrores com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa.

Lopes Neto (2005) coloca que o *Bullying* é uma forma de afirmar o poder interpessoal pelo meio da agressão, a vítima é o receptor deste comportamento cometido por um mais poderoso. “Tanto o *Bullying* como a vitimização têm consequências negativas imediatas e tardias sobre todos os envolvidos: agressores, vítimas e observadores” (LOPES NETO, 2005, p. 165).

É possível classificar o *Bullying* em categorias como referências para o enquadramento da ação. Entre as formas estão: verbal (insultar, ofender, falar mal, colocar apelidos pejorativos e “zoar”); física e material (bater, empurrar, beliscar, roubar e furtar ou destruir pertences da vítima); psicológica e moral (humilhar, excluir, discriminar, chantagear, intimidar e difamar); virtual⁶ (por meio de ferramentas tecnológicas como celulares, filmadoras e internet) e sexual (abusar, violentar, assediar e insinuar), destaca Silva (2010).

As pesquisas acadêmicas sobre violência escolar começaram a evoluir no Brasil, na década de 1980, concentrando-se nas manifestações relativas à

⁶ O *ciberBullying* ou *Bullying* virtual são os ataques que ocorrem por meio de ferramentas tecnológicas como celulares, filmadoras, máquinas fotográficas, internet e seus recursos (e-mails, sites de relacionamentos, vídeos). Além de a propagação das difamações serem praticamente instantâneas, os praticantes se valem do anonimato.

segurança pública: atos de depredações e pichações. Mas, foi a partir da década de 1990 que as relações interpessoais (entre pares) passaram a tomar forma do aspecto violento (FISCHER, 2010).

Fischer (2010) apresenta o relatório final sobre o *Bullying* Escolar no Brasil e cita que na década de 2000 o fenômeno do *Bullying* ganhou projeção na mídia, sendo muito difundido na *internet*, com a criação de inúmeros sites, cerca de 12 milhões de páginas, sendo 2,5% delas em língua portuguesa.

Em relação a números de autores e alvos de *Bullying*, os dados são alarmantes no país. A Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE) de 2012, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE entrevistou 109.104 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental (antiga 8ª série), cerca de 30%, de um universo de 3.153.314, e obteve como resultado, que 20,8% desses alunos são autores de *Bullying*, ou seja, a cada cinco jovens na faixa de 13 a 15 anos praticam *Bullying* no Brasil. Os outros 7,2% são formados pelos alvos. O perfil dos autores também aponta para uma predominância masculina: 26,1% dos meninos praticam *Bullying*, em comparação com 16% das meninas. Também são eles os que mais sofrem a agressão (7,9%), em relação a elas (6,5%) (PORTAL VEJA, 2013)⁷.

Estudos realizados pela ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência em 2002, 40,5% de 5785 alunos de 5ª a 8ª séries, em onze escolas do município do Rio de Janeiro, admitiram estar diretamente envolvidos em atos agressivos na escola, sendo 16,9% eram os alvos, 10,9% alvos/autores e 12,7% autores de *Bullying* (ABRAPIA, 2003).

Ainda sobre a pesquisa feita pela ABRAPIA (2003), os mais envolvidos com este tipo de agressão, são os meninos, tanto como autores quanto como alvos. Com as meninas mesmo com menor frequência, o *Bullying* acontece e se caracteriza como forma de exclusão ou difamação.

Lopes Neto, Monteiro Filho e Saavedra (2003) destacam que o *Bullying* é possível de ser encontrado em qualquer escola, seja primária ou secundária, pública

⁷ PORTAL VEJA. Educação. **Um em cada cinco adolescentes praticam *Bullying* no Brasil** (2013). Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/um-em-cada-cinco-adolescentes-pratica-bullying-no-brasil>>. Acesso em: 18 dez. 2013.

ou privada, rural ou urbana. Há escola que não admite a manifestação do *Bullying* entre seus alunos ou ignoram o problema ou ainda negam enfrentá-lo.

Outro dado interessante sobre este estudo são os resultados do quesito referente aos tipos de manifestações de *Bullying* sofridas pelos estudantes. Ficou explícito que o tipo de *Bullying* mais comum é a agressão verbal. Entre as respostas mais frequentes fornecidas pelos alunos que disseram ter sofrido agressões verbais, as opções mais citadas foram “me xingaram” (9,8%), “colocaram apelidos vexatórios em mim” (5,7%), “me ameaçaram” (4,8%), “disseram coisas maldosas sobre mim ou sobre minha família” e “insultaram-me por causa de alguma característica física” (4,5%) (ABRAPIA, 2003).

Em relação à responsabilidade da escola diante do fenômeno *Bullying*, a pesquisa realizada pelo Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor (CEATS) e pelo Fundo para Infância e Adolescência (FIA)⁸ em 2010. Fischer (2010) revelou que embora a administração e coordenação pedagógica escolar não tenham citado espontaneamente a si próprias ou a escola como fatores de influência a atitudes agressivas por parte dos alunos, eles apontaram deficiências do sistema como possíveis fatores desse fenômeno.

Fischer (2010) ainda destaca que os elementos que compõem este quadro são: número excessivo de alunos nas salas de aula, dificuldades da escola em lidar com problemas da família do aluno, falta de preparação da equipe pedagógica para lidar com os problemas emocionais do educando, estrutura física inadequada e falta de espaços para que os alunos expressem suas emoções e dificuldades pessoais.

A referida pesquisa pelo CEATS e pelo FIA em 2010, também expõe que a opinião dos pais é um pouco diferente dos gestores da escola, porém, os elementos citados pelos dois grupos podem de alguma forma, ser relacionados. Para os pais, o ambiente escolar não possui uma hierarquia definida e autoridade, o que cria um excesso de liberdade e contribui para a impunidade dos agressores. A falta de limites e a omissão de professores, inspetores, coordenadores pedagógicos e diretores são fatores de fortalecimento dos comportamentos violentos, pois permitem a repetição sem que exista perspectiva punição e melhora (FISCHER, 2010).

⁸ CEATS / FIA – Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor da Fundação Instituto de Administração.

O estudo de Fischer (2010) também mostrou que, do ponto de vista dos professores, a origem do *Bullying* na escola é, em grande parte, na família. Os professores acreditam que a família não prepara a criança para o convívio social e, muitas vezes, estimulam atos agressivos na escola. Para os professores, a influência da família para a manifestação do *Bullying* na escola se realiza com a presença de violência doméstica, a negligência dos pais em relação à vida escolar dos filhos e sua omissão em relação ao desenvolvimento pessoal e à aprendizagem escolar, a falta de apoio emocional e a depreciação e estigmatização dos filhos pelos pais. Os próprios pais também citaram a negligência da família como causa dos maus tratos e do *Bullying* no ambiente escolar (FISCHER, 2010).

Já do ponto de vista dos alunos, a pesquisa trouxe à tona que as causas do *Bullying* no ambiente escolar são: uso de apelidos e agressões verbais como formas de brincadeira, dificuldades emocionais e de relacionamento interpessoal dos agressores, já que possivelmente, eles não conseguem lidar com seus problemas pessoais e mascaram sua fragilidade com o *Bullying*, além de uma necessidade de pertencer a um grupo e se ajustar (FISCHER, 2010).

Resumidamente, o que se observa nos dados obtidos pela pesquisa do CEATS e do FIA, em 2010, é um comum acordo entre as partes de que o *Bullying* está relacionado à busca pela aceitação e uma possível fama (popularidade) entre os pares, além da forte necessidade de ser aceito pelo grupo, ou seja, fazer parte de algo.

A construção do indivíduo que promove o *Bullying* é gerada por meio de aspectos culturais ou até mesmo individuais. Segundo Antunes e Zuin (2008) é necessário rever conceitos de socialização da criança também no convívio familiar, visto que o desenvolvimento de suas características também ocorre nesta interação, ou em alguns casos, a ação agressiva da criança está relacionada com sua interação no ambiente familiar. Os autores sugerem a educação como forma para superação, entretanto a educação de maneira errônea pode estimular a criança. Em suma, uma educação realizada por um educador mal instruído, tende ao aprendizado baseado no “senso comum”.

Lopes Neto (2005) reforça que condições familiares adversas podem estimular a agressividade, sendo então importante acompanhar não apenas a vítima,

mas também o promotor do *Bullying*, observando que este pode estar com problemas internos ou familiares.

Francisco e Libório (2009) avaliaram que meninos, geralmente, são mais agredidos por meninos, enquanto meninas são mais agredidas por meninas. Estes observaram também que, nos 6º anos, as agressões ocorrem por meio de ameaça física, enquanto nos 9º anos eram mais constantes insultos e provocações, estatisticamente a ocorrência de *Bullying*, tanto em escolas na região periférica quanto em regiões centrais, tem uma proporção semelhante.

Albino e Terêncio (2012, p. 5) observam que, no Brasil, cerca de 40% dos alunos estão envolvidos com o *Bullying*, e as vítimas, geralmente, estão relacionadas com atitudes preconceituosas, sendo em sua grande maioria negros, homossexuais ou pobres. Ainda segundo Francisco e Libório (2009), tal ato pode durar minutos, horas, dias, meses e anos. Ressaltam que quem sofre com o *Bullying*, geralmente, são pessoas pouco sociáveis, com baixa autoestima, inseguras e não reagem aos atos de agressividade sobre elas mesmas. Comumente, os agressores procuram vítimas que não reagem, mantendo, assim, aparência de “poder”.

Carvalhosa, Lima e Matos (2001) observaram que a incidência de *Bullying* diminui com o aumento da escolaridade. Lopes Neto (2005) observa que relacionamentos interpessoais positivos (tanto no âmbito escolar como fora dele) geram um melhor desenvolvimento acadêmico. Sustenta que o relacionamento e o desenvolvimento do aluno dentro do âmbito escolar são extremamente importantes para o desenvolvimento da identidade pessoal.

Lopes Neto (2005) alerta que aqueles alunos que não são vitimados ou não são agressores, ou seja, aqueles que testemunham não se posicionam com medo de ser a próxima vítima. O autor vem apresentando possíveis soluções para o “problema”, destacando a necessidade de uma boa interação familiar, equipe educacional (professores, diretores, servidores) e acadêmica, o incentivo a supervisão e ao policiamento pelos alunos e também ao desenvolvimento de políticas públicas eficientes. Um bom acompanhamento pedagógico e psicológico é válido tanto para alunos vitimados quanto para os agressores.

Albino e Terêncio (2012) incentivam a necessidade de campanhas anti-*Bullying* nas escolas e sugerem a criação de contextos reflexivos sobre o tema, levando, inclusive, os próprios docentes a desenvolverem pensamentos crítico-reflexivos sobre tais atos.

Julia (2001, p. 10) cita sobre a cultura da escola como:

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas [...] Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores.

Destaca-se que o ato da violência entre alunos é tão importante de ser apontado aqui quanto a capacidade que a escola exerce sobre o aluno. A Instituição e seus gestores também podem criar situações de conflito que estão inseridas na cultura da escola e muitas vezes oprimem seus alunos com o peso da violência simbólica.

1.2.3 Violência simbólica

A violência simbólica conceitua-se como um fenômeno histórico e ao mesmo tempo, contemporâneo, de fundamental importância para o estudo das ciências humanas, pois busca aprofundamento na compreensão de fatos históricos ocorridos nas relações sociais, por exemplo, na escola. A concepção de violência simbólica foi criada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) com grande influência de Max Weber⁹ e Durkheim¹⁰. O conceito de violência simbólica foi criado por Bourdieu

⁹ Karl Emil Maximilian Weber (1864-1920) foi um economista e sociólogo alemão, considerado atualmente um dos fundadores do estudo moderno da sociologia e administração pública.

¹⁰ David Émile Durkheim (1858-1917) sociólogo francês considerado o fundador da sociologia moderna.

para expor formas da classe dominante de econômica e politicamente determinar a sua cultura na classe trabalhadora.

Bourdieu (2011, p. 19) destaca que:

Todo poder de violência simbólica, isto é, todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força.

A violência simbólica é caracterizada como uma violência não sentida e é diferente das demais, pois revela um poder simbólico, capaz de infligir a verdade, a realidade, às ideias, de excluir e incluir de forma dissimulada e muitas vezes impossibilitam que alguém se levante contra ela. Bourdieu (2011, p. 146) cita o Estado, como “[...] detentor do monopólio da violência simbólica legítima”, isto inclui também, o professor. Que exerce o poder simbólico sem limites no uso da linguagem, por exemplo.

Bourdieu e Passeron (2011, p. 9) conceituam a violência simbólica como:

[...] poder de construção da realidade, que tende a estabelecer [...] o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social), supõe aquilo que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências.

Para o referido autor, essa violência, está tão impregnada na cultura que o próprio violentado a recebe como se fosse natural. Os que violentam acreditam que suas atitudes fazem parte das iniciativas que devem incorporar ao processo de liderança que desenvolvem. Por outro lado, percebe-se certo conformismo pelos sujeitos agredidos.

Bourdieu e Passeron (2011) destacam que a violência simbólica só pode ser exercida por um poder que está estruturado, por exemplo, a escola. Esse poder exercido sobre os indivíduos é chamado pelo sociólogo de “poder simbólico”. Como a escola está inserida em uma sociedade estruturada, é capaz de impor sobre a realidade dos sujeitos, podendo estabelecer o que acredita ser o certo e o errado.

Por trás de toda a imposição exercida pelos sistemas simbólicos incute no subconsciente dos indivíduos ideologias, moral, valores, crenças e concepções da classe dominante. Como cita o autor (2011, p. 11) “[...] os sistemas simbólicos cumprem sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação sobre outra (violência simbólica)”.

Bonnewitz (2003, p. 98) cita a tese de Pierre Bourdieu dizendo “[...] a cultura dominante é a cultura da classe dominante que, por um longo trabalho de legitimação, fez esquecer toda a parte de arbítrio que está na sua base”.

Bourdieu e Passeron (2011) preocupam-se quando se naturalizam situações que não devem ser naturalizadas, porém, muitas vezes frases como “sempre foi assim” são aceitas. Ser subjugado inconscientemente, isto é uma forma de negação ao direito à cidadania e institucionalizar a violência simbólica no âmago da sociedade.

Quando uma pessoa pratica atos violentos contra alguém, por ela liderado, exerce poder sobre a mesma. Parece existir uma tênue linha divisória no que seria violência e o que seriam as ações próprias de uma liderança democrática e humanizadora que leve em conta o cidadão como ser de direito e de obrigações.

O tema da violência simbólica necessita passar por um amplo debate nas escolas, já que constitui a principal instituição formal, responsável pela formação do ser humano integral. A formação global do aluno prevista em toda legislação educacional necessita não apenas configurar-se teoricamente nas matrizes curriculares das instituições, mas ganhar fôlego de vida no cotidiano de todos os responsáveis pela educação.

No livro “A Reprodução”¹¹ de Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron, publicado pela primeira vez em 1970, explicam o funcionamento do sistema escolar francês e destaca que, ao invés de transformar a sociedade e permitir a ascensão social, ele reproduz as desigualdades. Ainda para o autor, todo o poder que se impõe de forma legítima, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, é considerado violência simbólica. Assim, a violência reproduzida na

¹¹ O título original completo é: *La Reproduction. Éléments pour une théorie du système d'enseignement*. Ed. Minuit, 1970. Na tradução de Reynaldo Bairão. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

escola pode ser violência simbólica reproduzida nas ações de seus agentes, definidas em termos de disciplinas, cursos, ramos de ensino e estabelecimentos, a ocupação se dá por grupos de classes dominantes.

Bourdieu e Passeron (2008) afirmam, assim, que toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica, enquanto imposição de um poder arbitrário:

Na medida em que toda Ação Pedagógica em exercício dispõe logo de princípio de uma Autoridade Pedagógica, a relação de comunicação na qual se realiza a Ação Pedagógica tende a reproduzir a legitimidade do que ela transmite designado o que é transmitido, só pelo fato de transmiti-lo legitimamente, como digno de ser transmitido, por oposição a tudo o que ela não transmite. (BOURDIEU; PASSERON, 2008, p. 44).

A arbitrariedade origina-se da cultura dominante, baseado na divisão da sociedade em classes. Os referidos autores ainda afirmam que existe uma violência inerente e inevitável, a violência da educação. Pode-se considerar, nessa perspectiva de Bourdieu (2011), que a escola atualmente pratica a violência simbólica.

Bourdieu (2011) faz uma análise do processo educacional sendo este consolidada pela sociedade capitalista: à reprodução da cultura, são manifestadas as “representações simbólicas ou ideologia” e da reprodução das estruturas de classes, são mecanismos que manobra a realidade social.

No sistema educacional, tanto a reprodução quanto a dominação são relações sociais e para que sejam concretizadas precisam ser reproduzidas as representações simbólicas. Bourdieu (2011, p. 311) destaca a reprodução cultural e a reprodução social, ou seja, para o autor, a escola como sistema, perpetua a “ordem social” quando as relações “[...] de força entre as classes tende a excluir de modo mais completo a imposição de uma hierarquia fundada na afirmação bruta e brutal das relações de força”.

Para Durkheim (1972, p. 53-54), a prática docente deve ter autoridade:

A educação deve ser um trabalho de autoridade. Para aprender a conter o egoísmo natural, subordiná-lo a fins mais altos, submeter os

desejos ao império da vontade, conformá-los em justos limites, será preciso que o educando exerça sobre si mesmo um grande trabalho de contenção. Ora, não nos constrangemos e não nos submetemos senão por uma destas razões: ou por força da necessidade física, ou porque o devemos moralmente. Isso significa que a autoridade moral é a qualidade essencial do educador (DURKHEIM, 1972, p. 53-54).

Percebe-se que o professor que age em sua prática docente com autoridade, levando em conta que esta autoridade vem das classes dominantes, muitas vezes, age dessa forma contra sua vontade, outras vezes, de acordo com a sua própria dominação, aceitando os limites impostos.

Ao consolidar a violência simbólica, a escola não precisa praticar a violência física, visto que a dominação exercida é quanto ao modo das pessoas pensam e agem sobre situações diversas, e não atentam a ordem vigente. Com isto, a escola por meio das relações de dominação, reproduz por meio da violência simbólica, a ideologia da classe dominante. Bourdieu (2011) acredita que o sistema educacional age de forma coerciva, e define a ação pedagógica como um ato de força, de controle e de violência.

Para Abramovay *et al.* (2002) violência simbólica está relacionada ao abuso de poder verbal, institucional, discriminação, instituições que utilizam artimanhas e estratégias para praticar o poder. Esta violência revela o “poder” sobre o outro de forma direta ou indiretamente com a violência verbal entre professor e aluno, entre alunos, discriminação racial, de gênero, econômico, costumes e da cultural.

As escolas brasileiras têm revelado um cenário de influências das desigualdades sociais e a reprodução dessas desigualdades não é considerada quando se fala de investimento na educação, isto não é levado a sério e muitas vezes falta o interesse das próprias pessoas que trabalham na escola.

2 METODOLOGIA

Minayo (1993) considera que a pesquisa, seja qual for o tema, é uma atividade básica que busca indagar e descobrir a realidade, esta deve ser uma constante prática teórica que visa definir um processo intrinsecamente inacabado e permanente, uma atividade que não se esgota e permite uma combinação entre teoria e dados.

Neste mesmo sentido, Gil (1999, p. 42) destaca que a pesquisa tem um caráter pragmático, sendo, portanto, um “[...] processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

A metodologia é uma das primeiras questões a ser pensada, bem como a posição do pesquisador frente ao objeto de estudo. O pesquisador não pode ser um observador neutro na coleta de dados, na sistematização da análise dos dados alcançados. Lakatos e Marconi (2003) cita que a finalidade da pesquisa científica vai além de relatório ou descrição de fatos obtidos empiricamente; no entanto, a pesquisa deve ser o desenvolvimento de interpretação desses dados.

Pesquisas exploratórias a partir de revisões sistemáticas de literatura publicadas focam em uma questão de pesquisa que tenta identificar, avaliar, selecionar e sintetizar todas as evidências de pesquisa de alta qualidade relevantes para essa pergunta e têm como objetivo fornecer um resumo exaustivo da literatura atual relevantes para a questão de pesquisa (SAMPAIO; MANCINI, 2007).

Este estudo apresenta uma revisão sistemática sobre violência na escola em periódicos brasileiros. As bases de dados utilizadas foram SciELO Brasil (*Scientific Electronic Library Online*) e o portal de periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) a partir de artigos indexados com Qualis A (1 e 2) e Qualis B (1, 2 e 3) entre o período de 2009 ao primeiro semestre de 2014 e na língua portuguesa no Brasil e que abordavam a temática da violência no ambiente escolar. Para a localização das produções nas bases de dados foram utilizados os descritores: violência na escola, violência simbólica na escola e *Bullying*.

A decisão foi tomada em relação ao levantamento de artigos de periódicos a partir de uma breve busca de dados *on-line* ocorrido a partir do segundo semestre de 2013 na disciplina de Saúde e Educação.

O direcionamento do estudo sobre a temática foi se concretizando no decorrer das pesquisas desenvolvidas sobre a violência na escola, posteriormente sobre a violência simbólica na escola. A pesquisa em bancos de dados *on-line* CAPES e SciELO Brasil, em artigos de periódicos WebQualis A1 e 2, Qualis B1, B2 e B3. Para analisar os artigos de periódicos indexados nestas WebQualis, foram visitadas páginas eletrônicas das Revistas.

A biblioteca virtual SciELO Brasil foi criada em 1997, a visibilidade internacional dos periódicos brasileiros era limitada, apenas vinte títulos eram indexados, em 2012, a biblioteca indexou 245 periódicos brasileiros. A SciELO Brasil é um programa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp, o objetivo da biblioteca é de contribuir com a qualidade, o acesso e o impacto dos periódicos indexados e publicados *on-line* na web com acesso aberto, essa biblioteca possibilita que os resultados das pesquisas brasileiras sejam comunicadas. A escolha desta biblioteca para a busca de artigos em periódicos foi devido à indexação e as publicações seguem alto controle de qualidade científica, pela originalidade e pelos critérios seguidos das normas bibliográficas.

A CAPES foi criada por meio do Decreto nº 29.741, em 11 de julho de 1951, no governo Vargas (1950-1954), tinha o projeto da Construção de um país desenvolvido e independente, o que necessitou urgentemente a formação de especialistas e pesquisadores em diversas áreas do conhecimento, surgindo a Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Professor Anísio Spínola Teixeira teve a missão de institucionalizá-la com o objetivo de garantir a existência de pessoal especializado tanto em qualidade quanto de quantidade para atender o poder público e privado.

Em 1981, o Decreto nº 86.791, a CAPES passa a ser reconhecida como Órgão responsável por elaborar o Plano Nacional de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, passa ser reconhecida como Agência Executiva do Ministério da Educação e Cultura, juntamente com o Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia, com o objetivo de elaborar, avaliar, acompanhar e coordenar as atividades desenvolvidas no ensino superior. (BRASIL, 1981). Em 1992, a Lei nº 8.405 institui a CAPES como Fundação Pública, após cinquenta e sete anos, atuando também no Ensino Básico

com a aprovação da Lei nº 11.502/2007, pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, propõe uma nova CAPES, fomenta a formação inicial e continuada de professores para a educação básica.

O sistema de avaliação da Capes abrange dois processos: Avaliação dos programas de Pós-graduação e Avaliação das Propostas de Cursos Novos de Pós-graduação. A atuação da CAPES visa na participação de consultores acadêmicos, escolhidos a partir da experiência e qualificação em ensino e orientação de pós-graduação, pesquisa e inovação.

O Qualis constitui-se num sistema de avaliação de periódicos utilizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) como um conjunto de procedimentos que analisa e mede a qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. A classificação de periódicos é realizada anualmente com intuito de avaliar as produções científicas e de divulgá-las, como o número de exemplares circulantes, número de bases de dados em que está indexado, número de instituições que publicam na revista. Os periódicos são classificados em estratos de qualidade, sendo A1 o mais elevado, A2, B1, B2, B3, B4, B5, C com peso zero de qualidade. Esta classificação poderá ser duas ou mais áreas de conhecimento, e por isto, podem receber diferentes avaliações.

Este estudo partiu da análise de dados qualitativos proposta por Gibbs (2009). O autor ressalta que tal análise tenta explicar os fenômenos sociais, sendo estes, possíveis de identificar como características comuns. Para compreender uma questão de estudo, a pesquisa qualitativa procura levar a sério o contexto e os casos, embasados em texto e na escrita, “[...] desde notas de campo e transcrições até descrições e interpretações [...] à interpretação dos resultados e da pesquisa como um todo” (GIBBS, 2009, p. 9). Importante destacar que toda pesquisa qualitativa o que tem em comum é o fato de ser baseada em análise textual, isto significa que “[...] qualquer material na pesquisa qualitativa tem que ser preparado para ser analisado como texto” (GIBBS, 2009, p. 13).

O tipo de pesquisa qualitativa que visa à análise, sugerida por Gibbs (2009, p. 16), tende a buscar de algum tipo de transformação no decorrer da coleta de dados, sendo que os procedimentos analíticos se transformam em “[...] uma análise clara, compreensível, criteriosa, confiável e até original”. O grande desafio quanto à organização e a abordagem estruturada dos dados estão na seleção e na busca dos mesmos.

A exposição dos dados qualitativos pode ser diversificada, sendo por meio da comunicação humana – escrita, auditiva ou visual; comportamento, simbolismos; entrevistas individuais ou grupos focais, documentos, livros e revistas, arquivos de notícias na internet entre outras formas de analisar um dado qualitativo, porém o tipo mais comum é a análise de texto, isto inclui outros tipos de documentos.

Existem dois aspectos práticos da análise qualitativa que Gibbs (2009) destaca: a) reconhecer tipos de dados que poderão ser analisados e se poderão ser descritos e explicados; b) desempenhar atividades práticas que sejam adequadas aos tipos de dados e às grandes quantidades a serem analisadas.

2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa realizada nesta dissertação foi pensada a partir da área da avaliação, como interdisciplinar, visto que a proposta do Programa do Mestrado em Promoção da Saúde é abordar temáticas de forma interdisciplinar visando discutir e analisar problemas que interferem ou dificultam a promoção da qualidade de vida das pessoas em relação à saúde. Os artigos selecionados nos portais da CAPES e da SciELO Brasil abordam o tema da violência na escola, seja ela simbólica na escola ou *Bullying*, entre os anos de 2009 ao primeiro semestre de 2014.

O levantamento realizado apontou uma lacuna de produções sobre a violência simbólica da escola, mesmo assim, foi possível encontrar 129 produções disponibilizadas sobre violência na escola entre os anos de 2009 e o 1º semestre de 2014. Destes, foram separados 44 documentos, livros, dossiês, relatos, estudos de revisão da área interdisciplinar e de acordo com os descritores apresentados anteriormente, no entanto, 26¹² eram artigos e, desse total, foram selecionados oito artigos para fazer parte da amostra das Bases de Dados da pesquisa.

Para a seleção da amostra foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: a) o estudo aborda a temática sobre a violência praticada no ambiente escolar; b) estudo original com dados quantitativos e publicado em formato de artigo; c) a

¹² Apêndice A

pesquisa ter sido desenvolvida no Brasil e no ambiente escolar; d) as publicações tenham ocorridas entre os anos de 2009 até junho de 2014; e, e) que o texto apresentasse na íntegra na língua portuguesa. Como critérios de exclusão foram utilizados os seguintes: artigos de opinião, estudos de revisão, estudos sobre violência ocorrida em outros ambientes que não seja na escola, relatos de pesquisa, estudos realizados fora do Brasil e dossiês.

A análise dos artigos neste estudo realizou-se em seis fases, sendo que o primeiro passo de uma revisão sistemática é uma busca minuciosa da literatura relevante. Assim, as fases do estudo podem ser descritas em: 1ª avaliação do periódico publicado; 2ª a classificação de qualidade dos periódicos (foi verificado em cada período se a área de avaliação classificou os periódicos como interdisciplinar); 3ª avaliação do título do artigo; 4ª verificação das palavras-chave; 5ª leitura do resumo e 6ª leitura do artigo na íntegra.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o levantamento dos artigos sobre violência na escola, pesquisados nas bases de dados Scielo Brasil e portal de periódicos da Capes, foi possível selecionar 8 produções para uma análise mais direcionada. As produções selecionadas tinham como descritores os termos violência na escola, violência simbólica na escola e *Bullying*. A Tabela 1 apresenta a listagem dos artigos selecionados por descritores.

Tabela 1: Quantidade de produções encontradas no SciELO Brasil e no Portal de periódicos da CAPES entre os anos de 2009 e o primeiro semestre de 2014.

Descritores	Quantidade
Violência Escolar	2
Violência Simbólica na Escola e <i>Bullying</i>	2
<i>Bullying</i> na Escola	4
Total	8

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2014).

Os artigos selecionados nas bases de dados foram encontrados em publicações difundidas entre o período de 2009 até o primeiro semestre de 2014. No Quadro 1 são apresentados os periódicos selecionados nas bases de dados dos portais de periódicos da Scielo Brasil e da portal de periódicos da Capes.

ANO	ISSN	PERIÓDICOS	QUANTIDADE	QUALIS
2009	1413-8123	<i>Ciência & Saúde Coletiva</i>	1	A2
2010	1517-9702	<i>Educação e Pesquisa</i>	1	A2
2011	0021-7557	<i>Jornal de Pediatria</i>	1	A2
2012	1413-7372	<i>Psicologia em Estudo</i>	1	A2
2013	1517-9702	<i>Educação e Pesquisa</i>	1	A2
	0021-7557	<i>Jornal de Pediatria</i>	1	A2
	1413-8557	<i>Psicologia Escolar e Educacional</i>	1	B1
2014	1807-0310	<i>Psicologia & Sociedade</i>	1	A2
TOTAL			8	

Quadro 1: Periódicos pesquisados e encontrados na SciELO Brasil e no portal de periódicos da CAPES, entre 2009 ao primeiro semestre de 2014

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2014).

Na tabela 2 foram selecionados os periódicos conforme a classificação da área Interdisciplinar.

Tabela 2: Número de periódicos com Qualis A (2) e B (1)

Qualis	Quantidade
A2	7
B1	1
Total	8

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2015).

O Quadro 2 apresenta produções selecionados de periódicos da área Interdisciplinar por ano de publicação.

N	Periódico	Páginas	Título	Autor (es)	Ano
1	<i>Ciência & Saúde Coletiva</i>	445 - 453	Uma reflexão acerca da prevenção da violência a partir de um estudo sobre a agressividade humana	Elaine Vasconcelos de Andrade; Benilton Bezerra Junior	2009
2	<i>Educação e Pesquisa</i>	339 - 355	Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade	Caren Ruotti	2010
3	<i>Jornal de Pediatria</i>	19 - 23	Prevalência e características de escolares vítimas de <i>Bullying</i>	Danilo Rolim de Moura; Ana Catarina Nova Cruz; Luciana de Ávila Quevedo	2011
4	<i>Psicologia em Estudo</i>	247 - 254	A compreensão sistêmica do <i>Bullying</i>	Naiane Carvalho Wendt Schultz; Denise Franco Duque; Carolina Fermino da Silva; Carolina Duarte de Souza; Luciana Cristina Assini; Maria da Glória de M. Carneiro	2012
5	<i>Educação e Pesquisa</i>	31 - 48	Igualdade, desigualdade e diferenças: o que é uma escola justa?	Flávia Schilling	2013
6	<i>Jornal de Pediatria</i>	601 - 607	<i>Bullying</i> e autoestima em adolescentes de escolas públicas	Camila C. Brito; Marluce T. Oliveira	2013
7	<i>Psicologia Escolar e Educacional</i>	329 - 338	Professores sabem o que é <i>Bullying</i> ? Um tema para a formação docente	Elizângela Napoleão da Silva; Ester Calland de S. Rosa	2013
8	<i>Psicologia & Sociedade</i>	148 - 157	Um estudo sobre jovens e violência no espaço escolar	Leila Maria Ferreira Salles; Joyce M. A. De Paula e Silva; Juan Carlos Revilla Castro; Concepción Fernandez Villanueva	2014

Quadro 2: Produções selecionadas de periódicos da área Interdisciplinar para a análise em ordem cronológica

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2014).

Os artigos foram analisados individualmente pela ordem cronológica e para cada artigo foi criado um quadro com a síntese de cada produção selecionada para a análise considerando as características gerais das publicações, como: aspectos metodológicos, objetivos, problemática e conclusões.

3.1 ARTIGO 1: UMA REFLEXÃO SOBRE A VIOLÊNCIA A PARTIR DE UM ESTUDO SOBRE A AGRESSIVIDADE HUMANA

Periódico	Volume/nº	Páginas	Ano	Área de Avaliação	Qualis
<i>Ciência & Saúde Coletiva</i>	v. 14, n.2	445 - 453	2009	Interdisciplinar	A2
Título	Uma reflexão acerca da prevenção da violência a partir de um estudo sobre a agressividade humana				
Autor (es)	Elaine Vasconcelos de Andrade; Benilton Bezerra Junior				
Aspectos metodológicos	Estudo de caso. Modelo teórico proposto pelo psicanalista Donald Winnicott, para diferenciar agressividade e violência.				
Objetivos	Oferecer uma ferramenta que ilumine a compreensão acerca dos comportamentos agressivos e das situações violentas comumente encontradas na instituição escolar				
Problemática	O tema surgiu partindo das inquietações éticas, teóricas e clínicas providas da prática com expressões de agressividade e situações de violência, no período de quatro anos de trabalho em um Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) da Baixada Fluminense.				
Conclusões	A partir de alguns estudos de casos foi possível verificar que por trás da aparente homogeneidade do problema da violência, existe uma importante discriminação a ser feita sobre a agressividade humana.				

Quadro 3: Síntese da produção selecionada, artigo 1 para a análise

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2015).

A pesquisa apresentada no respectivo artigo faz uma análise em torno da relação violência e agressividade, no entanto, estas duas palavras não são inequívocas, pois requer estudo sobre o problema. A violência na escola é categorizada por meio de comportamentos agressivos ou antissociais, por tal motivo, necessita de tratamento específico para cada tipo de fenômeno que aparece na escola (ANDRADE; BEZERRA JÚNIOR, 2009).

O objetivo do estudo foi oferecer uma ferramenta que possibilitasse a compreensão dos comportamentos agressivos e das situações de violência encontradas no meio escolar e utilizou como modelo teórico os estudos do psicanalista Donald Winnicott. As palavras-chave encontradas foram agressividade, violência, tendência antissocial, escola, contexto social e psicanálise.

O estudo ocorreu ao longo de quatro anos em um Centro Integrado de Educação Pública – CIEP, na Baixada Fluminense, entre o período de 2002 e 2005. Foram recolhidas as queixas recebidas pelo Grupo de Recepção Integrada – GRI, em relação ao comportamento dos alunos. Dos 273 casos, 65 eram relativos a comportamento agressivo ou antissocial. Somente 5,1% dos casos seriam de violência sofrida por aluno. O levantamento realizado teve como resultado o estabelecimento de um estudo mais sistemático dos casos, considerando o diálogo e os instrumentos teóricos, o que permitiu reconhecer e conhecer as manifestações de violência na escola.

Os pesquisadores destacaram a necessidade de a sociedade ter uma visão ampla sobre o fenômeno da violência, visto que ela ainda é compreendida como uma “[...] vocação natural do ser humano (ampliada nas condições sociais atuais) somente contribui para a sua banalização e perpetuação [...]” (ANDRADE; BEZERRA JÚNIOR, 2009, p. 446). Os pesquisadores do referido estudo salientaram que os meios de comunicação têm uma parcela de culpa, quando noticiam a violência como “onda”, “crise” e “surto” ou ainda como “violência do indivíduo ou da sociedade”, percebe-se que não há um ponto de vista crítico, isto resulta em um entendimento da violência como um fenômeno natural.

Os pesquisadores do estudo salientaram que a violência deveria ser discutida como um fenômeno em rede porque possui múltiplas facetas, tornando-se, portanto, um problema mundial de saúde pública, uma vez que a violência escolar exige uma “[...] abordagem sensível às suas diferentes modalidades e expressões” (ANDRADE; BEZERRA JÚNIOR, 2009, p. 448). Além de um olhar específico para a violência da escola, necessário se faz conhecer aspectos que estão inseridos na escola, pois a escola está ligada diretamente aos efeitos externos em relação à violência.

Os pesquisadores ainda comentam sobre a necessidade da escola contribuir com a saúde mental de seus alunos, pois estes ainda estão em formação. A teoria do amadurecimento do pediatra e psicanalista inglês Donald Winnicott utilizada no estudo discute sobre a desnaturalização do fenômeno da violência e da despatologização das manifestações de agressividade. Para Winnicott (*apud* ANDRADE; BEZERRA JÚNIOR, 2009, p. 448) “violência não é uma expressão de

agressividade”, mas indicativo de problemas, sendo que a violência é para ser tratada e a agressividade é para ser experimentada.

O caso destacado no artigo é de um menino de 13 anos, aluno da sétima série e atendido pelo Grupo de Recepção Integrada no Núcleo de Saúde. O aluno foi encaminhado pela diretora da escola onde estudava a partir da seguinte queixa: “se meter em encrencas pelas mentiras que contava”. O menino era adotado, porém não sabia e a mãe não queria vê-lo de jeito nenhum. Para ajudá-lo, foi oferecido um estágio no Núcleo de Saúde com intuito de conhecê-lo melhor e procurar uma forma de solucionar o problema apresentado na queixa feita pelo pai e pela madrasta.

Durante seis meses, segundo os autores do artigo, o aluno apresentou vários comportamentos “antissociais ultrapassando os limites”. Depois de finalizado o período de contrato com o mesmo, os autores do artigo, tomados pela teoria winnicottiana, citam que “[...] em meio às atitudes violentas de que era personagem ativo, travava uma luta contra a violência sofrida por ele, denunciando as sucessivas falhas do ambiente, e nos convocando a identificar os significados de seus atos enquanto havia tempo” (ANDRADE; BEZERRA JÚNIOR, 2009, p. 451). Os pesquisadores mencionaram que não conseguiram finalizar o estudo porque o contrato findou antes de chegarem aos resultados esperados.

A experiência deste estudo serviu para os pesquisadores refletirem sobre como a escola vê este tipo de caso juntamente com a família, sendo a família referencial do início da vida social e o espaço para o indivíduo se desenvolver emocionalmente com saúde para se inserir na sociedade ativamente amparada.

De acordo com o modelo teórico do psicanalista Winnicott, a ausência do impulso pessoal, fara com que o ser humano tenha dificuldades quanto à discriminação do eu ou não-eu. À medida que a separação ocorre, a experiência desse impulso é integradora e há condição para uma possível construção posterior.

Winnicott (1982 *apud* ANDRADE; BEZERRA JÚNIOR, 2009) aponta que a aceitação de responsabilidades, o esforço de contribuição social e o interesse ativo pelo outro estão associados à capacidade de preocupar-se com o outro por meios construtivos e destrutivos, sem esta experiência, o indivíduo não consegue sentir-se responsável pela agressividade contida pelo impulso, isto acaba sendo projetado

para fora e se torna uma ameaça. O aluno apresentado pelos pesquisadores, por exemplo, teve a intenção de negar a existência do outro, por meio da agressividade que tinha diante das atitudes antissociais, respostas à frustração quando roubava alguma coisa, por exemplo.

A segurança resulta em uma redescoberta da própria agressividade e a criança ou adolescente agem testando o ambiente até a indestrutibilidade (WINNICOTT, 1982). Sabendo disto, o psicanalista alerta que o Estado, a família, a escola e o trabalho, precisam temer as causas e consequências que a violência deixa na vida das pessoas.

3.2 ARTIGO 2: A VIOLÊNCIA ESCOLAR NAS REPRESENTAÇÕES DA REALIDADE

Periódico	Volume/nº	Páginas	Ano	Área de Avaliação	Qualis
<i>Educação e Pesquisa</i>	v. 36, n. 1	339 - 355	2010	Interdisciplinar	A2
Título	Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade				
Autor	Caren Ruotti				
Aspectos metodológicos	O estudo teve uma abordagem qualitativa, no qual foi utilizada a metodologia de estudo de caso, por meio de entrevistas e observações das relações escolares.				
Objetivos	Investigar as conexões e os distanciamentos entre a violência em meio escolar e a violência nos bairros de onde provém sua clientela				
Problemática	A escolha da escola esteve pautada em critérios socioeconômicos da população residente, na condição de violência no entorno e na situação de violência da própria escola.				
Conclusões	Os resultados obtidos indicam tanto a existência de manifestações de violência, próprias da realidade externa penetrando o interior das escolas, quanto o modo como essas representações interferem na conduta dos profissionais e agentes da educação. Essas representações têm por referência dois momentos. O primeiro em que relatos de acentuada violência estimulam sentimentos de medo e insegurança entre os atores da escola, impedindo ou dificultando a ação educativa. Um segundo momento, datado a partir da chegada de nova direção, no qual são percebidas tentativas de reversão desse quadro mediante adoção de disciplina rígida. Os efeitos dessa mudança revelam, por um lado, percepções quanto à redução da violência associada à realidade externa, em especial à presença do tráfico de drogas nas dependências da escola; por outro, evidenciam a produção de uma violência institucional, que exclui aqueles resistentes à nova ordem.				

Quadro 4: Síntese da produção selecionada, artigo 2 para a análise

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2015).

O estudo apresentado, neste artigo, teve, como objetivo, investigar as conexões e os distanciamentos entre a violência escolar e a violência no entorno da escola, a partir de um estudo qualitativo, que utilizou como metodologia o estudo de caso, no qual, os resultados foram obtidos por meio de entrevistas e observações das relações entre os alunos na escola.

O estudo realizou-se por Ruotti (2010) entre maio de 2005 a junho de 2006, por meio de entrevistas semiestruturadas com a direção, equipe pedagógica, professores, inspetores e alunos de trinta escolas públicas, e ainda por meio de observações do cotidiano da escola, alunos entre 12 a 14 anos foram sorteados para participar das entrevistas. No entanto, a pesquisa teve por base outro estudo desenvolvido entre 2002 a 2003, no qual foi possível verificar as representações da realidade.

De acordo com Bourdieu (1996), é na relação com o outro que o indivíduo demonstra o seu interesse, o seu modo de agir, de pensar, revela a posição que ocupa no espaço social. E foi justamente por este aspecto que Ruotti (2010) procurou registrar a pesquisa realizada em 30 escolas públicas de quatro distritos da Zona Leste, do município de São Paulo, a saber: Tiradentes, Iguatemi, São Mateus e São Rafael. A partir das relações ocorridas dentro das escolas, como seus conflitos e manifestações de violência, constatou-se que os padrões socioeconômicos, a condição de violência na escola e no seu entorno foram os pontos fundamentais para a escolha das escolas.

O artigo apresenta que, de acordo com a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE, 2009) entre 1991 a 2004, a taxa de crescimento populacional teve 5,3%, sendo que em 1991 era de 59.600, e em 2004 passou para 117.314. A população jovem, entre 15 a 19 anos, é a mais vulnerável em relação às questões sociais. Em uma escala de 0 a 100 pontos, sendo zero, a menor vulnerabilidade e cem, a maior, a cidade de Iguatemi tem 79 pontos, ou seja, uma cidade com um grupo de maior vulnerabilidade. Este índice, criado pela Secretaria de Estado da Cultura do estado de São Paulo (2009), foi composto pelos “[...] níveis de crescimento populacional, a presença de jovens entre a população distrital, a frequência à escola, gravidez e mortalidade por homicídios entre a população jovem masculina” (RUOTTI, 2010, p. 344). A autora apontou ainda que o crescimento

populacional, muitas vezes, está associado com a irregularidade na ocupação de moradia, conseqüentemente por falta de infraestrutura.

Outra escola pesquisada, pela autora do artigo, denominada “Escola Estadual Leste”, com mais de 2.800 alunos do Ensino Fundamental I, II e Médio, registrou como sendo a origem da violência as próprias relações entre os alunos, bem como situações externas ao entorno da escola. No entanto, esta rotulação que a escola sofria, a partir da mudança de direção, foi discutido, ou seja, foi organizado um movimento em que os atores envolvidos nesse contexto foram convidados a discutir sobre o que era violência e como ela era constituída dentro da escola, na tentativa de diminuí-la.

Segundo Zaluar (1994 *apud* RUOTTI, 2010), o comércio ilegal de narcóticos e de armas é o responsável pelo crescimento da violência, pois, em muitos casos, o tráfico de drogas está próximo das escolas, local em que os alunos residem. No entanto, os alunos pesquisados disseram gostar do lugar em que moram, pois existe a garantia de proteção contra os “bandidos”.

Ruotti (2010) descobriu em sua pesquisa, que o distanciamento da imagem negativa do local onde moram está quando os alunos residentes nos bairros considerados violentos, dizem não sofrer nenhum tipo de violência, mas dizem que o bairro é perigoso. Ruotti (2010, p. 346) cita que a “[...] violência reorganiza as falas, mas como negaçã”. Estes mesmos alunos são vítimas indiretas quando um amigo é morto por engano, quando uma amiga é estuprada e quando um grupo criminoso rival é confrontado, convivem com a vitimização de amigos e conhecidos, essas situações são demarcadas como distanciamento para não serem identificados como “bandidos”.

Todos esses problemas são confrontados dentro da escola, impedindo a ação educativa dos profissionais, no entanto, a realidade age nas representações e nas práticas destes profissionais, impedindo solucionar possíveis conflitos dentro da instituição de ensino.

Sobre a estigmatização que a escola investigada sofria, Debarbieux e Blaya (2002), Charlot (2002) e Dubet (2003) citam que existe variação do fenômeno da violência nas escolas e isto provoca diferentes formas de incivilidade ou ainda

microvitimizações, chegando a delitos enquadrados penalmente. A autora do artigo analisado destacou a definição de violência utilizada por Charlot (2002) e conceituada entre violência, transgressão, incivilidade no espaço escolar. Quando as regras escolares não são cumpridas, por exemplo, e a incivilidade segundo Debarbieux e Blata (2002) é utilizado quanto a delitos ocorridos na escola.

Ruotti (2010) destacou que a violência, muitas vezes, ultrapassava os muros escolares devido às ameaças sociais do seu entorno, e que estas geravam indisciplina, desrespeito, agressões verbais, ameaças contra alunos e profissionais, insegurança, medo e depredamento do prédio da instituição. A escola precisava ter o controle da situação dos escolares, diante da organização e do respeito, e a pesquisadora percebeu que, com a mudança da direção, os alunos começaram a mudar de pensamento e de atitude em relação às situações.

Foi possível perceber na pesquisa realizada por Ruotti (2010), que a nova direção da escola estudada teve uma postura controladora, impondo uma disciplina que controlava as condutas dos alunos. Pode-se destacar a violência velada que aos poucos é desvelada na postura pessoal rígida da diretora, considerada pelos alunos como pouco respeitosa, justificada na fala de alunos, pela localização da escola, na periferia.

Segundo Foucault (1987), o “exercício da disciplina” permite que as pessoas envolvidas cumpram regras estabelecidas pela escola. Assim, a organização do espaço, controle das atividades, gestão do tempo e a vigilância são pontos essenciais que a direção usou como poder disciplinar.

A grande maioria dos alunos entrevistados citou que, quando o professor explica bem o conteúdo e tirava as dúvidas, o relacionamento era positivo, o que aproximava o aluno do professor, entretanto o que mais foi mencionado foi o desrespeito, tanto por parte do aluno quanto do professor. A autora concluiu que a escola possuía desafios diários e que todos os envolvidos precisavam amadurecer em relação ao respeito e que a culpabilização apenas aos alunos não solucionava o problema da violência naquela escola, visto que, no espaço escolar, o respeito mútuo faz parte do processo de aprendizagem.

3.3 ARTIGO 3: UM ESTUDO SOBRE AS CARACTERÍSTICAS COMPORTAMENTAIS DAS VÍTIMAS DE *BULLYING*

Periódico	Volume/nº	Páginas	Ano	Área de Avaliação	Qualis
<i>Jornal de Pediatria</i>	V. 87, n. 1	19 - 23	2011	Interdisciplinar	A2
Título	Prevalência e características de escolares vítimas de Bullying				
Autor (es)	Danilo Rolim de Moura; Ana Catarina Nova Cruz; Luciana de Ávila Quevedo				
Aspectos metodológicos	Trata-se de um estudo transversal aninhado a uma coorte que avalia transtornos de leitura, escrita e aritmética em 1.075 alunos, da 1ª à 8ª série, de duas escolas públicas de ensino fundamental de um bairro de classe média baixa de Pelotas (RS). Foi utilizado o questionário KIDSCAPE para avaliar a prevalência de bullying e o Strengths and Difficulties Questionnaire para avaliar características comportamentais das vítimas.				
Objetivos	Descrever a prevalência e as características das vítimas de bullying em duas escolas públicas.				
Problemática	Devido à presença de transtornos comportamentais e de aprendizagem, são necessárias estratégias de intervenção desenvolvidas a partir do conhecimento dos tipos e das prevalências de bullying nas diferentes comunidades.				
Conclusões	Este estudo identificou as características comportamentais das vítimas de bullying que podem ser úteis para políticas locais de proteção aos alvos de bullying.				

Quadro 5: Síntese da produção selecionada, artigo 3 para a análise

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2015).

Os autores do artigo Moura, Cruz e Quevedo (2011) descreveram a prevalência de vítimas de *Bullying* nas escolas, as características e os sintomas nas áreas emocionais, de conduta, hiperatividade e de relacionamento.

O estudo foi realizado com 1.075 alunos de duas escolas públicas de Pelotas-RS, uma estadual e a outra municipal, do Ensino Fundamental (1ª a 8ª série). Foram feitas entrevistas domiciliares, os alunos responderam ao questionário disponível em *KIDSCAPE*¹³.

Os alunos foram categorizados por idades de 6 a 8 anos, 9 a 11 anos e 12 a 18 anos. Para fatores emocionais e de comportamento, foi utilizado o questionário

¹³ *KIDSCAPE* – Prevenir o Assédio Moral – Proteção das Crianças – uma instituição de caridade criada em 1985 pelo psicólogo infantil Michele Elliott no Reino Unido, o objetivo é de prevenir crianças do *Bullying* e do abuso sexual. Não existe uma adaptação brasileira, somente tradução, o que poderá limitar os resultados de pesquisas (Disponível em: <<http://www.kidscape.org.uk/>>).

Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ)¹⁴ em crianças e pais. O estudo teve patrocínio da Secretaria Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul, por meio do Programa de Prevenção da Violência e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO.

O instrumento de coleta de dados nesta pesquisa foi composto por 25 itens, subdivididos em cinco subescalas, com cinco itens cada uma, que resultou em sintomas emocionais, problemas de conduta, hiperatividade, problemas de relacionamento e comportamento pró-social e de relacionamento. A prevalência foi calculada com intervalo de confiança de 95% e trata de um estudo transversal separado a uma *coorte*. Esta pesquisa revelou que a prevalência dos alunos que sofreram *Bullying* foi de 17,6%. Dos alunos entrevistados, 55,1% sofreram agressões no pátio da escola, como intimidação, das quais, 75,1% de forma verbal, 62,4% físicas, 23,8% emocionais, 6,3% problemas raciais e 1,1% sexuais, entretanto, 47,1% dos entrevistados revelaram ter provocado o *Bullying* na escola.

Como relatado no artigo, o estudo pioneiro sobre o *Bullying* foi realizado por Dan Olweus. Suas pesquisas na Universidade de Bergen – Noruega (1978 a 1993), no início, não teve apoio das instituições, no entanto, em meados de 1980, ele desenvolveu pesquisas com adolescentes entre 10 e 14 anos vítimas de *Bullying*, cometeram suicídio, a partir disto, as instituições passaram a atentar melhor para o problema ressaltado pelos estudos de Olweus. Por volta de 84 mil alunos, cerca de 400 professores e 1000 pais fizeram inicialmente parte das pesquisas.

O principal objetivo do artigo 4 foi avaliar a natureza e a ocorrência do *Bullying* nas escolas, para verificar a frequência, tipos de agressões, locais de risco, tipos dos agressores e quantidade de agressores. No estudo pioneiro foi aplicado o questionário criado por Olweus, contendo 25 questões de múltipla escolha, adaptações foram feitas pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência). A pesquisa identificou as características comportamentais de alunos vítimas do *Bullying*, o que futuramente poderá auxiliar outros estudos e também ser útil para a política local.

¹⁴ *Strengths and Difficulties Questionnaire* (SDQ) ou Questionário de Capacidades e Dificuldades, questionário útil por ser curto e simples. Trata-se de um questionário de rastreamento (*screening*), proposto para avaliar o comportamento de crianças e adolescentes.

3.4 ARTIGO 4: COMPREENDENDO O *BULLYING*

Periódico	Volume/nº	Páginas	Ano	Área de avaliação	Qualis
<i>Psicologia em Estudo</i>	V. 17, n. 2	247 - 254	2012	Interdisciplinar	A2
Título	A compreensão sistêmica do Bullying				
Autor (es)	Naiane Carvalho Wendt Schultz; Denise Franco Duque; Carolina Fermino da Silva; Carolina Duarte de Souza; Luciana Cristina Assini; Maria da Glória de M. Carneiro				
Aspectos metodológicos	Procedeu-se ao estabelecimento de uma correlação do <i>bullying</i> com os pressupostos de complexidade, instabilidade e intersubjetividade que embasam a compreensão desse fenômeno e com a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.				
Objetivos	Fazer uma descrição relacional sistêmica do fenômeno do Bullying; Compreender o desenvolvimento na Abordagem Sistêmica.				
Problemática	Falta de intervenções efetivas contra esse fenômeno leva o ambiente escolar a tornar-se totalmente contaminado por sentimentos de ansiedade e medo que acabam por afetar todo o processo de convívio e aprendizagem.				
Conclusões	Faz-se necessário o engajamento de toda a comunidade escolar. Inicialmente devem ser promovidos meios de informá-la sobre em que o <i>bullying</i> se constitui, como se manifesta e quais são as consequências a curto, médio e longo prazo para cada um dos envolvidos. Por tratar-se de um fenômeno relacional, qualquer estratégia, para ser bem-sucedida, deve trabalhar com base nas relações e abranger os diferentes subsistemas da comunidade escolar: alunos, funcionários, educadores, pais e as demais pessoas comprometidas com o desenvolvimento das crianças e adolescentes.				

Quadro 6: Síntese da produção selecionada, artigo 4 para a análise

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2015).

No artigo os autores Schultz et al. (2012) apresentam a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano para compreensão do *Bullying*, fenômeno este, influenciado por muitos indivíduos e sistemas.

O *Bullying* por ser uma violência repetitiva nem sempre é identificado ou reconhecido como é ou deveria ser. Os autores consideram necessário que o mesmo seja investigado por meio de diagnósticos com intuito de caracterizar a incidência e abrangência do problema que pode apresentar-se dentro da escola.

Os autores recomendam que para que o *Bullying* desapareça da escola, toda a comunidade escolar precisa se empenhar e compreender como o *Bullying* se constitui, como se manifesta e quais são as consequências a curto, médio e longo prazo para os envolvidos. O sucesso desta ação deve ser trabalhada nas relações entre as pessoas envolvidas na escola e demais indivíduos comprometidos com o desenvolvimento humano dos alunos.

3.5 ARTIGO 5: É POSSÍVEL UMA ESCOLA JUSTA?

Periódico	Volume/nº	Páginas	Ano	Área de Avaliação	Qualis
<i>Educação e Pesquisa</i>	V. 39, n. 1	31 - 48	2013	Interdisciplinar	A2
Título	Igualdade, desigualdade e diferenças: o que é uma escola justa?				
Autor	Flávia Schilling				
Aspectos metodológicos	Utilização de um questionário, por este configurar um instrumento quali-quantitativo muito interessante para coletar as percepções de grupos grandes.				
Objetivos	Realizar uma sistematização do debate teórico sobre justiça/injustiça e um estado da arte acerca do debate acadêmico sobre a questão, ambos com foco sobre as produções que cercam a escola, além de dois estudos empíricos.				
Problemática	Como enfrentar de forma mais oblíqua os conflitos que aí acontecem, lidando de outra maneira com as demandas por uma escola mais justa e pensando em práticas que nos podem permitir ocupar outro lugar?				
Conclusões	Uma série de itens a definir o que é uma escola justa, considerando a dificuldade em se delimitar, abstratamente o que é o justo. Saindo da abstração é possível compreender o cotidiano escolar como um lugar difícil e conflituoso, porém de encontro.				

Quadro 7: Síntese da produção selecionada, artigo 5 para a análise

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2015).

Schilling (2013), autora do artigo analisado, cita a pesquisa “Direitos humanos, justiça e violência: percepções sobre a escola justa” e apresenta uma sistematização do debate teórico sobre justiça e injustiça e um estado da arte sobre a questão.

Em sua pesquisa, a autora aplicou um questionário quali-quantitativo no intuito de colher percepções sobre a escola justa, junto aos alunos do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação de São Paulo, no ano de 2010. No total, 80 questionários foram respondidos. Em um público feminino de 63,75% que trabalham, 75% atuam na educação e 40% afirmou ter concluído sua escolaridade em escolas públicas.

Um segundo estudo apresentado por Schilling (2013), realizado em uma escola estadual da zona sul, da cidade de São Paulo, em Parelheiros, no ano de 2011, em uma região cercada por pobreza e violência, mas que, no entanto, a escola escolhida tinha uma boa qualidade de ensino e poucos problemas aparentes de violência. Nesta escola, foram aplicados 81 questionários, distribuídos entre alunos do terceiro ano do ensino médio regular (28 alunos na idade entre 16 ou 17 anos) e do terceiro ano da educação de jovens e adultos (12 alunos entre 20 e 30

anos, contra 12 alunos com mais de 30 anos), professores e gestores (pessoas de 40 e 50 anos). No total foram devolvidos 27 questionários respondidos.

Outro grupo em que foi realizada a pesquisa, encontra-se em uma Faculdade de educação, curso de pedagogia. Formam 160 respostas, 131 destas respostas são referentes à situações injustas, 81,8%. Na escola estadual, foram 162 respostas e 133 destas respostas, também referentes a situações injustas, 82%. Quanto às questões referentes à justiça, aparecem 22 relatos (13,7%) dos alunos de pedagogia e 24 dos alunos da escola estadual (14,8%).

A autora do artigo foi em busca de uma escola justa, no entanto, os relatos apresentados falaram de injustiça, e, como afirma Ricoeur (2008, p. 85), “[...] nosso senso de injustiça costuma ser mais confiável do que nosso senso de justiça”. Segundo a autora, a percepção da injustiça que um indivíduo tem, pode ser considerado positivo, por isso que situações de injustiça relatadas na pesquisa são comparadas com a injustiça no mundo e com a injustiça na escola.

Ainda sobre os resultados da pesquisa de Schilling (2013) a respeito da injustiça na escola, a autora apresenta um comparativo entre o que relataram os alunos de Pedagogia e os alunos da Escola Estadual pesquisada. No estudo foi apresentado aos alunos, professores e gestores da escola estadual o que seria uma escola justa. Seis pontos foram considerados para caracterizar a escola justa: respeito à igualdade de direitos e recusa da desigualdade de tratamento; respeito às diferenças e recusa da discriminação e do preconceito; existência de uma punição para violação de lei, norma, regra ou combinado; reconhecimento, mérito; existência de diálogo nas relações escolares e existência da qualidade de ensino; princípios pedagógicos entre outros itens considerados justos. A autora Schilling (2013) afirma que na escola existem vários desafios para seja uma escola justa.

Vale salientar que na análise deste artigo ficou evidente o quão importante é discutir na escola sobre o tipo de ambiente que está sendo oferecido ao aluno, sobre se as questões de violência estão sendo resolvidas de forma conjunta com a família, se está ocorrendo comunicação entre os indivíduos, alunos, professores, comunidade, se as regras estão sendo cumpridas por todos da escola, inclusive o professor, se os respeito a desigualdade de direitos e a exclusão da desigualdade de tratamento, respeito às diferenças, culturas e costumes, e o mais importante, se existe qualidade de ensino, de procedimentos didáticos estão sendo levado a sério.

Muitas outras perguntas podem surgir quanto à igualdade, desigualdade e diferenças, e este, parece ser o grande desafio que o artigo deixou como reflexão final.

3.6 ARTIGO 6: A PREVALÊNCIA DO *BULLYING* EM ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS

Periódico	Volume/nº	Páginas	Ano	Área de Avaliação	Qualis
<i>Jornal de Pediatria</i>	V. 89, n. 6	601 - 607	2013	Interdisciplinar	A2
Título	Bullying e autoestima em adolescentes de escolas públicas				
Autor	Camila C. Brito; Marluce T. Oliveira				
Aspectos metodológicos	Estudo transversal, realizado com 237 alunos, do 9º ano do ensino fundamental, em escolas públicas municipais do Programa Saúde na Escola de Olinda (PE). Foi utilizado um questionário dividido em três blocos, um sociodemográfico, outro sobre bullying, validado por Freire, Veiga e Ferreira, e um para avaliar a autoestima, de Rosenberg.				
Objetivos	Realizar diagnóstico situacional do bullying e autoestima em unidades municipais de ensino, por meio de estimativa da prevalência do bullying, segundo o sexo, faixa etária e situação do ator; identificar o nível de autoestima dos escolares segundo sexo e situação do ator e correlacionar com o envolvimento em situações de bullying.				
Problemática	A ausência de informações a respeito do bullying e autoestima nas escolas municipais de Olinda/PE sinaliza para a necessidade de estudos que visem compreender o fenômeno, de modo a contribuir para estabelecimento de linha de base que permita acompanhamento longitudinal do problema para o município e servir de subsídio para planejamento de ações de vigilância à saúde, incluindo a implantação de um sistema de informação para a violência escolar.				
Conclusões	Pesquisas apontam para um número grande de alunos envolvidos nos diversos papéis do bullying, identificando-se associação entre estas características e o sexo/gênero e autoestima dos envolvidos. Identifica-se a necessidade de estudos adicionais sobre a natureza do evento.				

Quadro 8: Síntese da produção selecionada, artigo 6 para a análise

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2015).

O artigo apresenta uma pesquisa também sobre o *Bullying* nas escolas. Os autores citaram que nos estudos realizados por Camacho (2000) e Fante (2005) os tipos de violência mais presenciados foram a física, a verbal, a simbólica e o *Bullying*.

O *Bullying* é um fenômeno mundial que está presente em qualquer escola, nível ou modalidade. As consequências são diversificadas, do medo ao suicídio, e afetam diretamente o rendimento escolar. O comportamento antissocial prevalece

quando existe vulnerabilidade das vítimas em relação aos agressores. Neste sentido, o Programa Saúde na Escola (PSE) tem por finalidade contribuir na formação de alunos, a partir de ações de prevenção, promoção, atenção à saúde com intuito de incluir nas escolas, a cultura da paz.

Como já foi dito anteriormente no referencial teórico desta dissertação, o espaço escolar é apto para que relações significativas sejam concretizadas de forma que a autoestima dos alunos não seja afetada, conseqüentemente, a autoconfiança e a segurança são ingredientes na formação humana desses alunos, visto que tanto para a criança quanto para o adolescente, o bom relacionamento permite a ação da cultura da paz e de comportamento reflexivo sobre a não violência.

Brito e Oliveira (2013) pesquisaram 237 alunos de escolas municipais de Olinda-PE, do 9º ano do Ensino Fundamental, parceiras do Programa Saúde na Escola (PSE), no período de junho a novembro de 2012.

As referidas autoras descobriram que 67,5% dos alunos pesquisados já haviam praticado *Bullying* de alguma forma, incluindo ter presenciado e sofrido. Em alguns casos, assumiram a duplicidade de papéis, ora vítima, ora agressor. Pouco mais da metade dos 242 alunos entrevistados, 139 alunos proferiram que os eventos ocorreram em espaços além da sala de aula, como o pátio, as escadas, refeitório e banheiro.

Quanto à avaliação da autoestima, a pesquisa usou 2 classificações: alta e baixa. O grupo feminino entre 15 a 19 anos, quanto à autoestima, 58,2% foi classificada como alta. Brito e Oliveira (2013) aponta na pesquisa que a interação entre o *Bullying* e a autoestima está interligada, foram 53,7% adolescentes que apresentaram respostas de autoestima baixa. Não foram encontradas diferenças estatísticas para variáveis *Bullying* e autoestima quando analisados em relação ao sexo separadamente, devido ao tamanho da amostra ser pequena. Isto pode variar de acordo com a forma que a pesquisa foi realizada, como por exemplo, dos autores Moura, Cruz e Quevedo (2011), a predominância do *Bullying* foi do sexo masculino e a maioria das agressões ocorreram fora do espaço escolar.

Os adolescentes do sexo masculino quanto à interação entre papéis de *Bullying* e autoestima, como citado, foram 53,7%, um resultado considerado estaticamente significativo, sendo vítima e agressores com alta autoestima. Já o sexo feminino predomina a baixa autoestima, isto porque, segundo Anton (2002), os

fatores podem ser relativos a influência de como a formação e o desenvolvimento dos meninos é feita em relação às meninas, por serem tomadas pelo sentimento. As autoras consideraram que as informações coletadas em suas pesquisas podem contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas e intervenções.

3.7 ARTIGO 7: O QUE OS PROFESSORES SABEM SOBRE O *BULLYING* NA ESCOLA

Periódico	Volume/nº	Páginas	Ano	Área de Avaliação	Qualis
<i>Psicologia Escolar e Educacional</i>	V.17, n. 2	329 - 338	2013	Interdisciplinar	B1
Título	Professores sabem o que é <i>Bullying</i> ? Um tema para a formação docente				
Autor	Elizângela Napoleão da Silva; Ester Calland de S. Rosa				
Aspectos metodológicos	A pesquisa realizada é de natureza qualitativa e exploratória e utilizou entrevistas como procedimento para coleta de dados, uma vez que esta abordagem favorece uma aproximação da forma como os professores regentes e estudantes de licenciaturas diversas falam sobre suas concepções de <i>bullying</i> e sobre as demandas formativas nessa área.				
Objetivos	Refletir a respeito das concepções sobre o fenômeno e do que eles consideram serem formas eficazes de intervenção diante dos casos ocorridos em escolas públicas do ensino fundamental, e ainda sobre as demandas para a formação docente.				
Problemática	Dificuldades dos professores em compreender o <i>Bullying</i> e suas consequências nas relações interpessoais.				
Conclusões	O <i>bullying</i> é reconhecido como problema concernente às escolas e aos professores, porém não se constitui num tópico de estudo sistemático na formação de licenciados.				

Quadro 9: Síntese da produção selecionada, artigo 7 para a análise

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2015).

No artigo foi possível perceber que o preparo de professores quanto ao lidar com situações diversas na escola sobre o *Bullying* pode intervir no cotidiano. As autoras Silva e Rosa (2013) destacam nesta pesquisa que seis professores de uma escola municipal do Recife e seis licenciados da Universidade Federal de Pernambuco, não souberam conceituar o *Bullying*, bem como não souberam caracterizá-lo.

A pesquisa realizada por Silva e Rosa (2013) teve como objetivo identificar as demandas formativas para lidar com adolescentes entre 11 a 14 anos, os conhecimentos e as formas de intervenção em situações de *Bullying* na escola, através de uma pesquisa qualitativa, exploratória com entrevistas.

Segundo Freire e Aires (2012), antes de solucionar problema de *Bullying*, profissionais da escola precisam considerar a realidade local e os tipos de violência existentes no entorno da escola, porque para eles, tentar resolver os problemas com receitas prontas é em vão. Para compreender o *Bullying*, deve-se levar em conta o contexto situacional, pois cada indivíduo possui características diferentes, e estes, são fatores para que esta tipo de violência possa se manifestar na escola. Pedra e Fante (2008, p. 41) afirmam que o praticante do *Bullying* elege um elemento próximo a partir das características físicas ou psicológicas para atacar, no entanto, isto “[...] nasce da recua a uma diferença, da intolerância, do desrespeito ao outro”.

Para as autoras, são poucos os entrevistados que conseguiram se aproximar de uma definição ao *Bullying*. Incluindo o fenômeno como o problema de saúde pública; a desigualdade de poder, os problemas psíquicos e as agressões. Por outro lado, um professor entrevistado destacou que não é a escola ou a sociedade que resolverá situações de *Bullying*, mas que será no “juízo final”. Este relato demonstra que muitos professores em serviço não têm conhecimento sobre a relevância que tem o *Bullying* no cotidiano escolar. Lopes Neto (2005) já dizia que tanto a saúde quanto a educação, devem caminhar juntas na tentativa de compreender o impacto que a prática do *Bullying* tem na vida das pessoas e desenvolver medidas com intuito de reduzi-lo.

Segundo Toro, Neves e Rezende (2010) a existência de projetos e Programas na tentativa de eliminar o *Bullying* do ambiente escolar é praticamente inexistente nas escolas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), por exemplo, orientam os docentes a desenvolverem aulas sobre ética, podendo contribuir na diminuição da prática do *Bullying* na escola. Vale a pena ainda destacar que as autoras consideraram que, sem a real conscientização sobre este fenômeno, as intervenções não surtirão efeitos duradouros, visto que as medidas precisam ser contextualizadas, para criar nos indivíduos uma relação de confiança mútua.

As autoras salientam no artigo sobre a necessidade de ampliar os conhecimentos sobre o assunto. Fundamentalmente, na formação inicial do docente, dentro das disciplinas da matriz curricular das licenciaturas, visto que para elas, estudar diversas áreas do conhecimento, como das ciências humanas e sociais, auxiliam nas soluções de conflitos e de situações diversas do *Bullying*.

Quando Silva e Rosa (2013) citam sobre a formação do professor, também destacam a necessidade do professor ter na formação inicial conhecimento que envolva o indivíduo como um todo, que acrescentarão na formação docente, além dos aspectos técnicos, o preparo ao lidar com situações diversas, incluindo também as intervenções que poderão solucionar problemas como a violência escolar e como o *Bullying*. No entanto, não apresentam orientações de como isto poderá ser feito. Percebe-se que as reações dos professores entrevistados sobre o assunto não se diversificaram, a primeira de observar, depois tentar dialogar, e caso não consigam resolver, os alunos devem ser encaminhados para a direção da escola ou para o conselho tutelar.

De acordo os preceitos mencionados pelas respectivas autoras supracitadas, é importante que as Secretarias de Educação realizem capacitações sobre diferentes assuntos que estão inseridos no ambiente escolar. Neste sentido, Nóvoa *et al.* (1992, p. 25) ressalta que “[...] estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional”. Desta forma, as instituições de formação de professores precisam adotar meios para que o licenciando desenvolva uma identidade profissional completa e que possa dar segmento na formação continuada aos estudos sobre esta temática.

3.8 ARTIGO 8: UM ESTUDO SOBRE JOVENS E VIOLÊNCIA ESCOLAR

Periódico	Volume/nº	Páginas	Ano	Área de Avaliação	Qualis
<i>Psicologia & Sociedade</i>	V. 26, n. 1	148 - 157	2014	Interdisciplinar	A2
Título	Um estudo sobre jovens e violência no espaço escolar				
Autor (es)	Leila Maria Ferreira Salles; Joyce M. A. De Paula e Silva; Juan Carlos Revilla Castro; Concepción Fernandez Villanueva				
Aspectos metodológicos	Os dados foram coletados por meio de grupos focais				
Objetivos	Investigar a interpretação dos jovens sobre a violência na sociedade, na escola e na sua própria vida.				
Problemática	O pressuposto é o de que conhecer a perspectiva de agressores e vítimas sobre as suas experiências de violência contribui para esclarecer os universos simbólicos e normativos que regulam as condutas violentas e as possíveis formas de reduzir sua incidência.				
Conclusões	A qualificação de alguns jovens como violentos e de outros como não violentos não permite apreender toda a complexidade das experiências que eles vivem e de suas reações, que ora se aproximam, ora se distanciam. A violência dos estudantes não pode ser compreendida plenamente a não ser que a situemos em seu contexto social e cultural.				

	Caso contrário, a violência escolar parece não ser mais que um problema individual, causado, quando muito, pelo fato do jovem pertencer a uma família desestruturada.
--	---

Quadro 10: Síntese da produção selecionada, artigo 8 para a análise

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2015).

Os autores Salles *et al.* (2014) relatam os resultados de um projeto que desenvolveram com o intuito de investigar a interpretação dos jovens sobre a violência na sociedade, na escola e na sua própria vida.

Os dados foram coletados entre jovens de uma escola de ensino médio de Rio Claro estado de São Paulo. Escola esta, escolhida pela Diretoria de Ensino, por ter conhecimento que a escola apresentava muitos problemas relacionados à violência e pelos alunos matriculados serem de bairros periféricos e pobres.

Os alunos entre 15 e 17 anos do ensino médio foram divididos em dois grupos, um grupo de jovens protagonistas de violência (seis do sexo masculino e dois do sexo feminino) e outro grupo de alunos que não participavam das violências (três do sexo masculino e seis do sexo feminino). Os grupos foram denominados por GV (participação em incidentes violentos) e por GNV (não participação em incidentes violentos).

Os dados coletados por meio de grupos focais permitiram aos grupos, uma discussão sobre a temática abordada ao investigar as ideias e as experiências obtidas na pesquisa. Foram realizadas quatro entrevistas em cada grupo, totalizando oito.

As questões abordadas nas entrevistas foram: experiências de violência pelos próprios entrevistados; violência vivida em diferentes contextos no cotidiano; explicações da violência; relações entre os jovens entrevistados com outros grupos; relação dos jovens com as instituições sociais e as expectativas de inserção social.

Partindo dos depoimentos dos jovens entrevistados, aparece a diferença entre a lógica da violência à escola, da escola e a violência na escola, já abordadas por Charlot (2002). Nos relatos obtidos, a violência à escola e da escola podem ser compreendidas como uma ação-reação, a violência na escola é reflexo das violências ocorridas fora da escola, nas relações entre pares ou bairros.

Ficou evidenciado no artigo que quando os grupos entrevistados mostraram o que é ficar “por cima” ou “por baixo”, e que isto consistia de rivalidades. No entanto, os jovens considerados não violentos identificaram o jogo do poder presente nas relações com mais precisão. Como descreve a fala, a seguir de um integrante do grupo GNV:

[...] se você é quieto, eles vão em cima de você, porque eles sabem que você não é de briga, porque sabem que você não vai fazer nada, que você vai ficar com medo, porque não tem muitos amigos assim. Então, eles querem mostrar o poder deles. Então, eles te massacram na frente de todo mundo, xingam, querem dar uma de bom na saída [...].¹⁵

A fala de um jovem violento é diferente, pois começa com brincadeiras e demonstra desprezo em relação ao outro. Quando por exemplo, o agressor usa palavras que “mexem” com a mãe, os xingamentos são graves e até partem para a agressão física.

No grupo GV há referências a grupos de bandidos, possivelmente por pertencerem a uma comunidade violenta, e não significa que são jovens agressivos e violentos. Muitos destes jovens acabam participando literalmente de grupos de bandidos, por terem uma falsa sensação de respeito, por poder provocar medo nos outros.

Outro aspecto abordado, na pesquisa dos autores Salles *et al* (2014), foi a facilidade com que os jovens falam sobre mortes e assassinatos, o que pode sugerir a banalização da violência. Esta ideia de não ter medo e de achar que fazer parte da violência permite que as interações vivenciadas na escola aconteçam. No entanto, este tipo de banalização é manifestado na escola, por este motivo, que a mesma precisa discutir sobre os problemas que a violência pode afetar as relações da instituição de ensino.

A violência à escola e da escola é quando os jovens não cuidam da estrutura da escola, agredem a escola e confrontam professores. Quando os jovens citam o desrespeito entre eles e os professores, é a violência que a escola exerce sobre os alunos. Para compreender melhor, segue a descrição de duas falas: “Se você falar que não entende, ele [professor] começa a brigar. Se a gente fala: ‘oh, professor, eu

¹⁵ Relato da pesquisa de Salles *et al*. (2014).

não entendi nada’, ele responde: ‘moleque, é você que não presta atenção’” (GV). E outra fala do grupo GNV “Teve uma professora que falava assim: ‘é tudo filho de chocadeira’” (SALLES *et al.*, 2014). Quando a escola não trabalha sobre as diversas situações de conflitos e de violência, o respeito entre as diferenças que todos têm a interação com o diferente, por este motivo que é fundamental o problema ser problematizado por meio das relações interpessoais para não gerar confrontos e violências.

3.9 TENDÊNCIAS ENCONTRADAS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA ANALISADA: PRINCIPAIS ACHADOS

Após análise das produções científicas sobre violência na escola escolar, violência simbólica na escola e *Bullying* obtida por meio da revisão sistemática nas bases de dados do portal de periódico da CAPES e da Scielo Brasil, de acordo com as produções apresentadas, foi possível reconhecer que a temática sobre a violência simbólica na escola foi pouco estudada no período entre 2009 ao primeiro semestre de 2014.

A tendência principal de publicações em periódicos sobre a violência na escola, violência simbólica na escola e o *Bullying* na escola é existência de produções publicadas mais da região sudeste do Brasil, o que pode ser percebida como uma facilidade de apoio a pesquisas nesta região e conseqüentemente, a facilidade em publicar pesquisas da nata intelectual brasileira.

Considerando a necessidade de constante estudo sobre a violência na escola e suas particularidades, o que difere os estudos e as publicações realizadas em todo o Brasil, são as formas de conduzir a problemática na escola e na sociedade que a circunda, visto que o assunto sobre a violência na escola abrange em todas as regiões, e não se restringe apenas a um aspecto, mas diversos fatores que englobam a dinâmica da escola.

Compreende-se que os fatos históricos que a escola passa, exige um debate necessário a respeito dos problemas que a violência causa para além de conhecer estudos de diferentes localidades do Brasil. Estudos que tratam deste tipo de

violência, geralmente não é comentado dentro da escola, como por exemplo, o *Bullying*, é um tipo de violência simbólica que ainda carece de estudos na literatura brasileira.

As principais características encontradas nas produções analisadas foram classificadas de acordo com as temáticas apresentadas, como mostra no Gráfico 1:

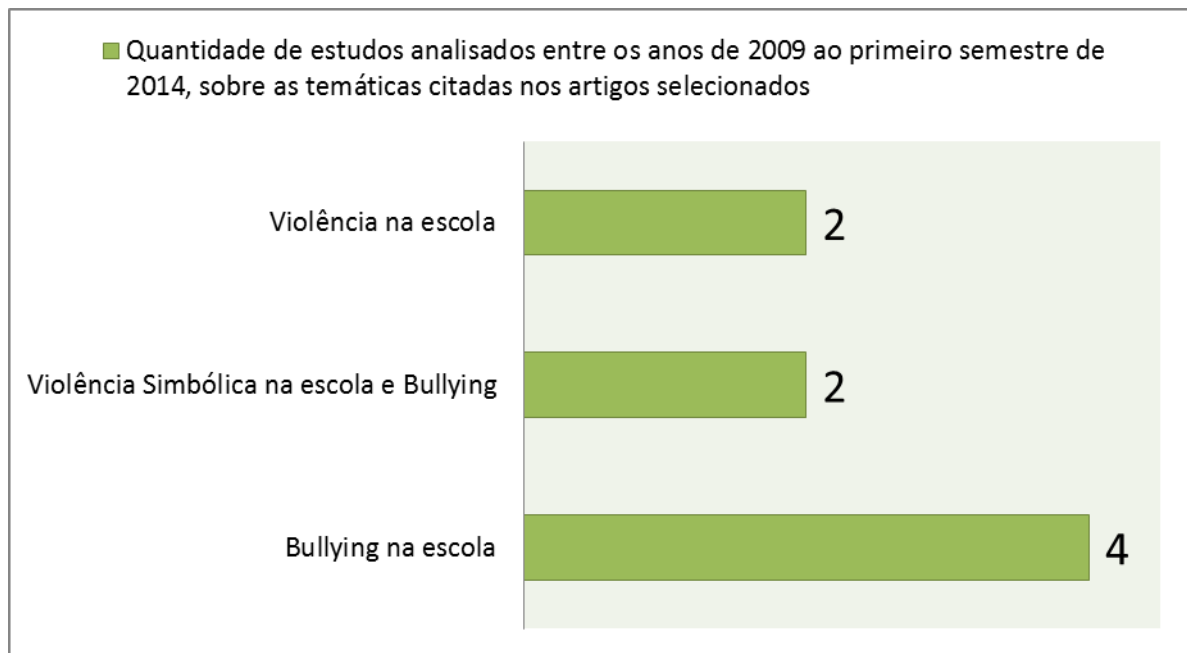


Gráfico 1: Estudos analisados em periódicos sobre a violência na escola

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2015).

Para melhor entendimento das produções apresentadas, foi elaborado um quadro contendo resumos de cada artigo selecionado¹⁶. Observa-se que a temática central dos artigos: “Prevalência e características de escolares vítimas de *Bullying*”; “A compreensão sistêmica do *Bullying*”; “*Bullying* e autoestima em adolescentes de escolas públicas” e “Professores sabem o que é *Bullying*? Um tema para a formação docente” abordam sobre o *Bullying* na escola, no entanto, apenas um artigo inclui em sua pesquisa, a violência simbólica na escola que também é *Bullying*, está o artigo: “Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade”. Como se observa no Gráfico 1, o estudo sobre *Bullying* teve mais

¹⁶ Vide Apêndice B.

pesquisas, porém em períodos diferentes, 2011 e 2013, e ainda em diferentes regiões do Brasil, principalmente na região sudeste.

Quanto aos estudos apresentados na produção “Um estudo sobre jovens e violência no espaço escolar”, também remetem estudos sobre a violência escolar, violência simbólica na escola e o *Bullying*, principalmente quando apresentam a definição de violência escolar de múltiplos aspectos que interferem em fatos históricos e culturais de uma determinada sociedade.

As produções “Uma reflexão acerca da prevenção da violência a partir de um estudo sobre a agressividade humana” e “Igualdade, desigualdade e diferenças: o que é uma escola justa?” discutem sobre a violência na escola, porém, os estudos abordam uma particularidade quanto à violência no contexto escolar, ou seja, tais abordagens necessitam ser discutidas de modo que o fenômeno seja disposto em rede, pois há várias facetas sociais que os envolvem, repercutindo na saúde pública, pois além de problemas sociais que a violência causa, existem situações que devem ser exploradas para que a escola seja uma escola justa, que respeite à igualdade de direitos e recuse a desigualdade, a discriminação e o preconceito, que o mérito seja reconhecido que exista diálogo entre os indivíduos na escola, que exista qualidade de ensino e princípios pedagógicos, além do envolvimento de uma equipe multidisciplinar na tentativa de solucionar as situações de violência na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escola é
 ... O lugar que se faz amigos.
 Não se trata só de prédios, salas, quadros,
 Programas, horários, conceitos...
 Escola é, sobretudo, gente
 Gente que trabalha, que estuda
 Que alegre, se conhece, se estima.
 O Diretor é gente,
 O coordenador é gente,
 O professor é gente,
 O aluno é gente,
 Cada funcionário é gente.
 E a escola será cada vez melhor
 Na medida em que cada um se comporte
 Como colega, amigo, irmão.
 Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”
 Nada de conviver com as pessoas e depois,
 Descobrir que não tem amizade a ninguém.
 Nada de ser como tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só.
 Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
 É também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem,
 É conviver, é se “amarrar nela”!
 Ora é lógico...
 Numa escola assim vai ser fácil! Estudar, trabalhar, crescer,
 Fazer amigos, educar-se, ser feliz.
 É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.
 Autor desconhecido¹⁷

A escola é um ambiente que permite estabelecer relações. Estas relações são construídas por meio de interesses, sentimentos, interações, espontaneidade, intenções e de conflitos, e por isto, as relações podem divergir. No entanto, é preciso e necessário aprender a conviver. Os confrontos são necessários para que haja o bom desenvolvimento das interações e relações interpessoais. A escola é um espaço adequado de diálogo interdisciplinar, que possibilita discussões dos mais variados temas. Neste sentido, a associação de temas que abordem a educação, promoção da saúde, violência na escola, violência simbólica, *Bullying* visa desenvolver o reconhecimento do eu e do outro, de modo que os conflitos precisam ser abordados nos assuntos da escola, assim, as experiências que os alunos e

¹⁷ Foi atribuída a Paulo Freire a autoria do texto “A escola”, no entanto, o autor é desconhecido. Isso ocorreu quando Paulo Freire leu em público e a partir daí, surgiu esta informação equivocada. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/correcao-texto-escola-atribuido-paulo-freire-de-autor-desconhecido-3180500#ixzz3Sbs78FsX>> Acesso em: 16 nov. 2014.

professores vivenciam nos espaços da escola, permitem que as relações possam ser construídas e reconstruídas, quando há diálogo em diferentes momentos.

O estudo apresentado nesta dissertação procurou refletir sobre as manifestações da violência na escola. Para tal, conceituar violência e suas formas de manifestações exige uma compreensão dos fatos históricos. O embasamento teórico sobre o conceito de violência simbólica criado pelo sociológico francês Pierre Bourdieu foi uma das bases teóricas do estudo.

Bourdieu (2011, p. 107) cita que as representações são “[...] atos de percepção e de apreciação de conhecimento e reconhecimento, em que os agentes investem seus interesses e pressupostos”.

Os autores Bourdieu e Passeron (2008) no livro “A Reprodução” explicam o funcionamento do sistema escolar francês e alertam que ao invés de transformar a sociedade e permitir a ascensão social, ele reproduz as desigualdades. Assim, todo o poder que se impõe dissimulando as relações de força, é considerado violência simbólica. Conforme os autores, a violência reproduzida na escola pode ser violência simbólica por meio das ações de seus agentes, definidas em termos de disciplinas, cursos, níveis de ensino e estabelecimentos, a ocupação se dá por grupos de classes dominantes, podendo determinar a partir das desigualdades sociais e culturais manifestadas na escola.

Desta forma, como já apresentado, a violência é um assunto que não se esgota e que a cada ano que passa repercute de forma diversificada, em todas as esferas sociais. A escola enquanto local de socialização é um espaço onde as manifestações da violência simbólica ocorrem com frequência entre seus agentes e de forma assustadora. Cotidianamente, a escola é permeada por pequenos eventos de violência que para muitos pode parecer natural, não sendo considerados como violências ou incivilidade, no entanto, estes, mesmo despercebidos, irão marcar vidas para sempre. Assim, a cultura da paz precisa ser reeditada a cada novo dia nos espaços escolares, por este motivo que no Projeto Político Pedagógico da escola precisa nortear os projetos e atividades que permitam a Promoção da Saúde na escola.

A revisão teórica da temática violência serviu como base para a análise sistemática dos artigos que trataram do assunto, procurando responder a

problemática em relação ao aumento da violência nas escolas brasileiras sob a análise da produção publicada em periódicos nacionais no período de 2009-2014. Para isso levantou-se, como objetivo, refletir sobre o fenômeno da violência simbólica na sociedade contemporânea e sua manifestação no ambiente escolar. Para atingir esse objetivo, houve por necessidade conceituar violência simbólica e *Bullying* no aspecto geral da palavra, e em seguida identificar as formas que as manifestações da violência simbólica nas escolas são apresentadas ou discutidas nos periódicos pesquisados.

Os estudos analisados referentes à produção científica apontaram as principais temáticas: a violência no contexto escolar, o *Bullying* no espaço escolar e a violência simbólica na escola.

O artigo 8 trata sobre os aspectos culturais, históricos e sociais como maneira de gerar violência na escola, sendo que, o espaço escolar passa a ser um local de luta constante de representações de poder e das desigualdades sociais. Ainda apresentam como os indivíduos se envolvem na violência escolar, considerando que a própria escola é produtora dessa violência. É essencial que o fenômeno da violência escolar seja compreendido como essas violências são estabelecidas entre as pessoas e suas relações, causando prejuízos às pessoas e a sociedade.

Os artigos 3, 4, 6 e 7, abordam sobre o *Bullying* como forma de violência na escola. Um dos principais objetivos que foram apresentados, por exemplo, no artigo 4 foi avaliar a natureza e a ocorrência do *Bullying* nas escolas, para verificar a frequência, tipos de agressões, locais de risco, tipos dos agressores e quantidade de agressores. O *Bullying* pode ser precursor de transtornos de personalidade antissocial e outros comportamentos violentos indicados na infância e na idade adulta. São necessários estudos mais profundos sobre o assunto para que programas de intervenções surjam para reduzir danos em indivíduos vítimas de violência. Por ser uma violência repetitiva, não é identificado muitas vezes a tempo de solucionar os problemas, por este motivo que é necessário que haja uma investigação mais detalhada de forma interdisciplinar e que envolvam todos da escola e da sociedade. O bom relacionamento entre as pessoas da escola permite a ação da cultura da paz e de comportamento reflexivo sobre a não violência, no entanto, antes de solucionar problema do *Bullying*, profissionais da escola precisam

considerar a realidade local e os tipos de violência existentes no entorno da escola, porque para eles, tentar resolver os problemas com receitas prontas é em vão.

No artigo 2, a violência simbólica é destacada como outra forma de violência que apresentada na escola. A realidade que age nas representações e nas práticas dos profissionais da escola impede muitas vezes de solucionar possíveis conflitos na escola. O conceito de violência pode ser como transgressão e incivilidade no espaço escolar, isto quando as regras escolares não são cumpridas. É importante que a escola saiba que ameaças sociais estão em seu entorno, e que a partir da organização e do respeito consiga gerar a cultura da paz em seu interior, para que isto possa passar para o seu entorno progressivamente. O trabalho docente necessita ser repensado, pois quando o professor conhece e reconhece a cultura dos seus, ela domina vários saberes que ultrapassam os conteúdos e as metodologias. Na sala de aula, as estratégias simbólicas fazem parte das interações entre os indivíduos e permitem compreender formas de pensar e perceber os problemas dentro e fora da escola.

A escola constrói um sistema simbólico de cultura sem ser percebido, o aluno assim que chega à escola confronta-se com uma realidade totalmente diferente da sua cultura familiar, mas por meio de seus hábitos e modos de pensar e de agir, assimila a cultura escolar, o que garante a coesão social e, automaticamente, esperam-se dele atitudes corretas para permanecer na escola. Como a escola é um local amplo de relações, ou seja, a reflexão sobre como ela mesma cria e suporta situações de conflito, pode-se afirmar que a sua cultura interfere na vivência do aluno dentro da escola, e a manutenção da violência simbólica na escola se concretiza quando a realidade é dada como natural e eterniza uma determinada sociedade.

Nos artigos 1 e 5, os autores, destacam a necessidade de se ter uma visão ampla sobre o fenômeno da violência e suas consequências na sociedade, questões de agressividade e de atitudes antissociais. A escola também necessita discutir para que a saúde dos alunos e professores seja palpada de problemas sérios com a saúde, por este motivo, que destacam discutir em conjunto com áreas diferentes da educação. O indivíduo precisa respeitar o outro e a si mesmo, as condições que são estabelecidas, para que a escola seja justa e segura.

A estratégia pedagógica que a escola desenvolve para amenizar os problemas que a violência gera dentro da escola requer um trabalho interdisciplinar que visa incentivar alunos e professores na tentativa de solucionar possíveis conflitos, tanto aluno quanto professores sejam co-participantes da história para que as diferenças socioeconômicas, culturais e sociais não interfiram nas relações interpessoais. Espera-se que com esta dissertação possa despertar o interesse em pesquisar sobre a violência escolar, violência simbólica na escola e *Bullying*, visto que esta temática é pertinente de constante análise e reflexão por meio de produções científicas.

A partir das análises realizadas nos artigos selecionados nesta dissertação, percebe-se que são necessários muitos outros estudos sobre a temática, principalmente sobre a violência simbólica na escola, uma vez que a falta de material de qualidade publicado sobre este assunto, dificultou que o mesmo fosse focado com maior aprofundamento. Não foram encontrados artigos que destacassem a promoção da saúde nas escolas ou que tivessem o intuito de inserir a promoção da saúde como uma das maneiras de solucionar os problemas relacionados com a violência na escola, por exemplo, ou que houvesse propostas para que esta problemática pudesse ser solucionada por meio de atividades socioeducativas ou por meio de projetos que toda a escola se envolvesse, tornando-se uma rotina escolar permanente. Neste sentido, é impar que as práticas promotoras de saúde precisam ser discutidas de forma interdisciplinar entre várias áreas do conhecimento.

É fundamental enfatizar a necessidade de que outras pesquisas sejam realizadas sob a temática da violência escolar, violência simbólica na escola e *Bullying* no espaço escolar, assim como, estudos sobre como a escola poderá mediar tais problemáticas e estudos que apontem caminhos para o desenvolvimento de políticas públicas coerentes que contribuam para o desenvolvimento de ações socioeducativas compatíveis com os problemas que cercam e se desenvolvem no espaço escolar.

E necessário também que as ações promotoras de saúde sejam adequadas a cada escola, pois como discutido nesta dissertação, a violência está em todos os lugares e regiões brasileiras, e requer uma atenção quanto às atividades que permitem que a escola, a família e a comunidade possam trabalhar juntas na

melhoria das relações pessoais e interpessoais, na qualidade do ensino, na qualidade dos atendimentos em relações às situações de conflitos, de agressões e de atos violentos na escola. Seja na escola, da escola ou pela escola, a violência precisa ser revista de forma interdisciplinar, para que a promoção da saúde e qualidade de vida dos alunos e dos professores sejam estimuladas.

Para finalizar, este estudo pode contribuir para que futuras pesquisas sejam realizadas e publicadas em diferentes regiões do Brasil sobre a violência na escola, à violência simbólica na escola e o *Bullying* na escola. Assim, abrindo novas possibilidades de reflexões sobre o tema que levem em conta as particularidades de cada região do país bem como a realidade nacional.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina**: desafios para políticas públicas. Brasília, DF: UNESCO; BID, 2002.

_____. **Cotidiano das escolas**: entre violências. Brasília, DF: UNESCO, 2005. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265por.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2013.

_____. *et al.* **Violências nas escolas**. Brasília, DF: UNESCO, 2002 (Rede Pitágoras. Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde. Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME).

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas escolas**: versão resumida. Brasília, DF: UNESCO, 2003.

ABRAPIA. Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência. **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003.

ALBINO, P. L.; TERÊNCIO, M. G. Considerações críticas sobre o fenômeno do *Bullying*: do conceito ao combate e à prevenção. **Revista Eletrônica do Ceaf**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 169-195, jul./dez. 2012.

ANDRADE, E. V. de; BEZERRA JÚNIOR, B. Uma reflexão acerca da prevenção da violência a partir de um estudo sobre a agressividade humana. **Revista Ciências & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 445-453, mar./abr. 2009.

ANTON, I. C. **Homem e mulher**: seus vínculos secretos. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. S. Do *Bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 33-42, 2008.

ARROYO, M. G. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BISPO, F. S.; LIMA, N. L. de. A violência no contexto escolar: uma leitura interdisciplinar. **Educ. rev.** [online], Belo Horizonte, v. 30, n. 2, p. 161-180, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982014000200008&script=sci_arttext>. Acesso em: 22 jan. 2015.

BONNEWITZ, P. **Primeiras lições sobre a Sociologia de P. Bourdieu**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2003.

BOURDIEU, P. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 1996.

_____. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: _____ **Escritos de Educação**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 41-64.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução de Reynaldo Bairão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. **O poder simbólico**. 15. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2011.

BRASIL. Senado Federal. **Decreto nº 86.791, de 28 de dezembro de 1981**. Extingue o Conselho Nacional de Pós-Graduação e dá outras providências. Brasília, DF: Secretaria de Informação Legislativa, 1981.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 13 ago. 2013.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Meio Ambiente, Saúde. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997a.

_____. Ministério da Saúde. **Saúde da Família**: uma estratégia para a reorientação do modelo assistencial. Brasília, DF: MS, 1997b.

_____. Presidência da República. **Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007**. Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF: Casa Civil, 5 dez. 2007a.

_____. Casa Civil. **Lei nº. 11.502, de 11 de julho de 2007**. Brasília, DF: Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2007b.

_____. Ministério da Educação. **Conferência Nacional da Educação Básica**: Documento Final. Brasília, DF: MEC, 2008a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/conferencia/documentos/doc_final.pdf> Acesso em: 3 jun. 2014.

_____. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. **Programa Saúde na Escola**. Brasília, DF: Editora do Ministério da Saúde, 2008b.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Cadernos de Atenção Básica**. Saúde na escola. Série B. Textos Básicos de Saúde Cadernos de Atenção Básica, n. 24. Brasília, DF: MS, 2009.

BRITO, C. C.; OLIVEIRA, M. T. *Bullying* e autoestima em adolescentes de escolas públicas. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 89, n. 6, p. 601-607, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v89n6/v89n6a14.pdf>> Acesso em: 17 set. 2013.

CAMACHO, L. M. **Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes**: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si. 2000. 145 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

CARAM, D. **Violência na sociedade contemporânea**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1978.

CARTA DE OTTAWA PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE. In: Conferência Internacional Sobre Promoção Da Saúde Ottawa, 1., 1986, Canadá. **Anais eletrônicos...** Canadá, 1986. Disponível em: <<http://www.ptacs.pt/Document/Carta%20de%20Ottawa.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2013.

CARVALHO, T. K. P. de. Violência simbólica em contextos escolares: o discurso de autoridade no filme 'Entre os muros da escola'. **Revista Poiesis Pedagógica - Revista do PPGEDUC**, Catalão-GO: Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Educação, v. 9, n. 2, p. 102-119, ago./dez. 2011.

CARVALHOSA, S. F. de; LIMA, L.; MATOS, M. G. de. *Bullying*: a provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. **Revista Análise Psicológica**, Lisboa, ano 19, n. 4, p. 523-537, 2001.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, n. 8, ano 4, p. 432-443, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf>> Acesso em: 27 abr. 2013.

CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. de (Org.) **Promoção da saúde**: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

D'AUREA-TARDELI, D.; PAULA, F. V. de (Org.). **Violência na escola e da escola**: desafios contemporâneos à psicologia da educação. São Paulo: Editora Metodista, 2009.

DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (Org.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília, DF: UNESCO, 2002.

DECLARAÇÃO DE ADELAIDE. **Segunda Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde**. 5-9 de abril 1988. Brasília, DF: Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde. Declaração de Alma-Ata; Carta de Ottawa; Declaração de Adelaide; Declaração de Sundsvall; Declaração

de Santafé de Bogotá; Declaração de Jacarta; Rede de Megapaíses; Declaração do México. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2001. p. 25.

DECLARAÇÃO DE JACARTA. **Declaração de Jacarta sobre Promoção da Saúde pelo Século XXI adentro**. Indonésia: [s.n.], 1997. Disponível em: <http://www.mp.ba.gov.br/atuacao/cidadania/gesau/legislacao/internacionais/declaracao_jacarta.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2013.

DECLARAÇÃO DE SANTAFÉ BOGOTÁ. **Conferência Internacional de Promoção da Saúde**. 9-12 de novembro 1992; Santafé de Bogotá; Co. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde. Declaração de Alma-Ata; Carta de Ottawa; Declaração de Adelaide; Declaração de Sundsvall; Declaração de Santafé de Bogotá; Declaração de Jacarta; Rede de Megapaíses; Declaração do México. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2001. p. 15.

DECLARAÇÃO DE SUNDSVALL. **Declaração de Sundsvall**. Terceira Conferência Internacional de promoção da saúde; 9-15 de junho 1991; Sundsvall; Su. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde. Declaração de Alma-Ata; Carta de Ottawa; Declaração de Adelaide; Declaração de Sundsvall; Declaração de Santafé de Bogotá; Declaração de Jacarta; Rede de Megapaíses; Declaração do México. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2001. p. 33.

DECLARAÇÃO DO MÉXICO. **Declaração do México**. Quinta Conferência Internacional Sobre Promoção da Saúde. Cidade do México: OMS, 2000.

DUBET, F. A escola e a exclusão. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 119, p. 29-45, jul. 2003.

DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1972.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas, SP: Versus, 2005.

FISCHER, R. M. (Coord.). **Bullying Escolar no Brasil**: relatório final. São Paulo: CEATS/FIA, 2010. Disponível em: <http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v2/Arquivos/pesquisa-Bullying_escolar_no_brasil.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2013.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R. M. C. Um estudo sobre *Bullying* entre escolares do Ensino Fundamental. **Sociologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 200-207, ago. 2009.

FREIRE, A. N.; AIRES, J. S. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do *Bullying*. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 16, n. 1, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v16n1/06.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES, A. M. Indisciplina e violência: a ambiguidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 6. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 73-82.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2009. Disponível em: <<http://200.241.192.6/cgi-bin/houaissnetb.dll/frame>> Acesso em: 25 jun. 2013.

JARES, X. R. **Educação para a paz: sua teoria e sua prática**. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto historiográfico. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 9-44, jan./jun. 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOPES NETO, A. A. *Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 81, n. 5, p. S164-S172, 2005.

LOPES NETO, A. A.; MONTEIRO FILHO, L.M.; SAVEEDRA, L. H (Coord.). **Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes**. Rio de Janeiro: ABRÁPIA/PETROBRAS, 2003. Disponível em: <<http://www.observatorioda infancia.com.br/IMG/pdf/doc-154.pdf>>. Acesso em 4 dez. 2013.

MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 7-18, 1994.

_____. É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 7-32, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v4n1/7127.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2013.

MORTIMER, E. F.; MACHADO, A. H. Elaboração de conflitos e anomalias na sala de aula. In: MORTIMER, E. F.; SMOLKA, A. L. B. **Linguagem, cultura e cognição: reflexões para o ensino e a sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 107-137.

MOURA, D. R. de; CRUZ, A. C. N.; QUEVEDO, L. de Á. Prevalência e características de escolares vítimas de *Bullying*. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 87, n. 1, p. 19-23, jan./fev. 2011.

NÓVOA, A. *et al.* **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

ODALIA, N. **O que é violência**. São Paulo: Nova Cultural; Brasiliense, 2004.

OLWUES, D. **Bullying at school: wath we can do**. United Kingdom: Blackwell Publishing, 1993.

PEDRA, J. A.; FANTE, C. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PIGATTO, N. A docência e a violência estudantil no contexto atual. **Ensaio – Avaliação de Políticas Públicas Educacionais**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 303-324, abr./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v18n67/a07v1867.pdf>> Acesso em: 18 abr. 2013.

PORTAL VEJA. Educação. **Um em cada cinco adolescentes praticam Bullying no Brasil**. 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/um-em-cada-cinco-adolescentes-pratica-bullying-no-brasil>>. Acesso em: 18 dez. 2013.

RICOEUR, P. **O justo**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

RUOTTI, C. Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 339-355, dez. 2010.

SALLES, L. M. F. *et al.* Um estudo sobre jovens e violência no espaço escolar. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 148-157, jan./abr. 2014.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007.

SANTOS, J. V. T. (Org.). **A palavra e o gesto emparedados: a violência na escola**. Porto Alegre: PMPA/SMED, 1999.

SCHILLING, F. Igualdade, desigualdade e diferenças: o que é uma escola justa? **Educ. Pesqui.** [online], São Paulo, v. 39, n. 1, p. 31-48, jan./mar. 2013.

SCHULTZ, N. C. W. *et al.* A compreensão sistêmica do *bullying*. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 247-254, abr./jun. 2012.

SILVA, A. B. B. **Bullying: cartilha 2010**. Justiça nas escolas. Brasília, DF: CNJ, 2010.

SILVA, E. N. da; ROSA, E. C. de S. Professores sabem o que é *bullying*? Um tema para a formação docente. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 329-338, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v17n2/v17n2a15.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2013.

SILVA, J. M. A. P.; SALLES, L. M. F. A. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. **Educar em Revista**, Curitiba, Número. Especial 2, p. 217-232, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/nspe2/13.pdf>> Acesso em: 18 abr. de 2013.

SOUZA, K. O. J. de. Violência em escolas públicas e a promoção da saúde: relatos e diálogos com alunos e professores. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, v. 25, n.1, p. 71-79, jan./mar. 2012. Disponível em: <<http://ojs.unifor.br/index.php/RBPS/article/view/2213/2434>> Acesso em: 18 abr. 2013.

SOUZA, L. P. A violência simbólica na escola: contribuições de sociólogos franceses ao fenômeno da violência escolar brasileira. **Revista LABOR**, Porto Velho, n. 7, v. 1, p. 20-34, 2012. Disponível em: <http://www.revistalabor.ufc.br/Artigo/volume7/2_A_violencia_simbolica_na_escola_-_Liliane_Pereira.pdf> Acesso em: 17 jun. 2013.

STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. **Temas em Psicologia**, São Paulo, v.18, n 1, p. 45-55, abr. 2010.

TAVARES DOS SANTOS, J. V. Violências e dilemas do controle social nas sociedades da “modernidade tardia”. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 18, n. 1, mar. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392004000100002>. Acesso em: 21 de mar. 2014.

TORO, G. V. R.; NEVES, A. S.; REZENDE, P. C. M. *Bullying*, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social. **Revista Psicologia - Teoria e Prática**, Maringá, v.12, n. 1, p. 123-137, jan./jun. 2010. Disponível: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/2468/2333>> Acesso em: 15 set. 2014.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Coordenação do trabalho pedagógico**: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. 6. ed. São Paulo: Libertad, 2006.

VASCONCELLOS, M. da. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. **Educação e Sociedade**, São Paulo, n. 78, p. 77-87, 2002.

WACHOWICZ, L. A. Fundamentos epistemológicos da pesquisa em aprendizagem e avaliação, na educação escolar. In: SILVA, A. M. M. *et al.* (Org.) **Educação formal e não formal, processos formativos, saberes pedagógicos**: desafios para a inclusão social. Recife: Endipe, 2006. p. 379-400.

ZIZEK, S. **Violência**: seis notas à margem. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A: RESULTADO DA PESQUISA.

	ANO	TÍTULO	AUTORES	PERIÓDICO	Tipo
1	2009	Violência na escola e da escola: desafios contemporâneos à Psicologia da Educação	Renato Alves	Psicologia Escolar e Educacional (Impr.), V.13, n.2, pp. 343-346, Campinas Julho/Dez. 2009.	Resenha
2	2009	Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental	Fernanda Martins França Pinheiro; Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams	Caderno Psiquiátrico, V. 39, n.138, São Paulo Set./Dez. 2009.	Outros temas
3	2009	Quando a convivência com a violência aproxima a criança do comportamento depressivo	Joviana Avanci ^I ; Simone Assis ^I ; Raquel Oliveira ^{II} ; Thiago Pires ^I	Ciência: Saúde coletiva, V.14, n.2, Rio de Janeiro, Mar./Abr. 2009.	Artigo
4	2009	Uma reflexão acerca da prevenção da violência a partir de um estudo sobre a agressividade humana	Elaine Vasconcelos de Andrade; Benilton Bezerra Junior	<i>Ciência & Saúde Coletiva</i> v. 14, n.2, 445 – 453, Rio de Janeiro, Mar./Abr. 2009.	Artigo
5	2010	Comportamentos de <i>bullying</i> e conflito com a lei	Isabela Zaine; Maria de Jesus Dutra dos Reis; Ricardo da Costa Padovani	Estudo e psicologia (Campinas), V.27, n.3, Campinas Julho/Set. 2010.	Artigo
6	2010	Concepções sobre assédio moral: bullying e trote em uma escola médica	Fabiana de Mello Villaça; Marisa Palácios	Revista brasileira de educação. med. vol.34, n.4 Rio de Janeiro Out./Dez. 2010.	Pesquisa
7	2010	Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade	Caren Ruotti	<i>Educação e Pesquisa</i> , v. 36, n. 1, São Paulo, Dez, 2010.339 – 355.	Artigo
8	2011	Impactos da violência na escola: um diálogo com professores	Corina Helena Figueira Mendes	Caderno Saúde Pública, V.27 n.11, Rio de Janeiro, Nov. 2011.	Resenha
9	2011	Estratégias de enfrentamento dos dilemas bioéticos gerados pela violência na escola	Flavia Pedro dos Anjos Santos; Lícia Marques Vidal; Isaiane Santos Bittencourt; Rita Narriman Silva de Oliveira Boery;	Physis: Revista de Saúde Coletiva, V.21, n.1, Rio de Janeiro, 2011.	Temas livres

			Edite Lago da Silva Sena.		
10	2011	Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção	Carla Silva Mendes	Revista escola enfermagem, USP, V.45, n.3, São Paulo, Junho 2011.	Artigo Original
11	2011	Prevalência e características de escolares vítimas de Bullying	Danilo Rolim de Moura; Ana Catarina Nova Cruz; Luciana de Ávila Quevedo	<i>Jornal de Pediatria</i> , V. 87, n. 1, 19 - 23	Artigo
12	2012	Obesidade infantil e <i>bullying</i> : a ótica dos professores	Miguel Ataíde Pinto da Costa; Marcos Aguiar de Souza; Valéria Marques de Oliveira	Educ. Pesqui. vol.38 no.3 São Paulo July/Sept. 2012 Epub July 31, 2012	Artigo
13	2012	<i>Bullying</i> entre estudantes com e sem características de dotação e talento	Juliana Célia Oliveira; Altemir José Gonçalves Barbosa	Psicol. Reflex. Crit. vol.25 no.4 Porto Alegre 2012	Psicologia do desenvolvimento
14	2012	<i>Bullying</i> : prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros	Cláudia de Moraes Bandeira ¹ ; Claudio Simon Hutz	Psicol. Esc. Educ. vol.16 no.1 Maringá Jan./June 2012	Artigo
15	2012	A compreensão sistêmica do Bullying	Naiane Carvalho Wendt Schultz; Denise Franco Duque; Carolina Fermino da Silva; Carolina Duarte de Souza; Luciana Cristina Assini; Maria da Glória de M. Carneiro	<i>Psicologia em Estudo</i> , V. 17, n. 2, 247 - 254	Artigo
16	2013	Violencia familiar e comunitaria em escolares do municipio de Sao Goncalo, Rio de Janeiro, Brasil / Family and community violence of schoolchildren from the city of Sao Goncalo, Rio de Janeiro, Brazil	Liana Wernersbach Pinto, Simone Gonçalves de Assis	Rev. bras. epidemiol. vol.16 no.2 São Paulo June 2013	Artigos Originais
17	2013	Consumo de álcool e violência entre adolescentes argentinos	Mariaelena Pierobon; Mariam Barak; Sahel Hazrati; Kathryn H. Jacobsen	J. Pediatr. (Rio J.) vol.89 no.1 Porto Alegre Jan./Feb. 2013	Artigo original
18	2013	Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do <i>cyberbullying</i>	Guilherme Welter Wendt; Carolina Saraiva de Macedo Lisboa	Psicol. clin. vol.25 no.1 Rio de Janeiro, Jan./June 2013.	Seção temática
19	2013	Igualdade, desigualdade e diferenças: o que é uma	Flávia Schilling	<i>Educação e Pesquisa</i> , V. 39,	Artigo

		escola justa?		n. 1, 31 - 48	
20	2013	Bullying e autoestima em adolescentes de escolas públicas	Camila C. Brito; Marluce T. Oliveira	<i>Jornal de Pediatria</i> , V. 89, n. 6, 601 - 607	Artigo
21	2013	Professores sabem o que é <i>Bullying</i> ? Um tema para a formação docente	Elizângela Napoleão da Silva; Ester Calland de S. Rosa	<i>Psicologia Escolar e Educacional</i> , V.17, n. 2, 329 - 338	Artigo
22	2014	Williams LCA, Stelko-Pereira AC. Violência Nota Zero: como aprimorar as relações na escola. São Carlos: EDUFSCAR; 2013.	Thereza Christina Bahia Coelho	<i>Ciência: Saúde coletiva</i> , V.19, n.3, Rio de Janeiro, Mar. 2014	Resenha
23	2014	Costa MCO. Violência e vitimização na infância e adolescência - a inclusão da escola no reconhecimento e prevenção. Feira de Santana: Editora UEFS; 2013.	Jeidson Antônio Moraes, Marques.	<i>Ciência: saúde coletiva</i> ; V.19, n. 3; pp. 987-988; <i>Rio de Janeiro</i> , Mar. 2014.	Resenha
24	2014	Intervenção educativa sobre violência com adolescentes: possibilidade para a enfermagem no contexto escolar	Waldemar Brandão Neto, Andrea Rosane Sousa Silva, Antonio José de Almeida Filho, Luciane Soares de Lima, Jael Maria de Aquino, Estela Maria Leite Meirelles Monteiro	<i>Escola Anna Nery</i> V.18, n. 2, Rio de Janeiro, Abr./Junho, 2014	Pesquisa / enfermagem
25	2014	A violência no contexto escolar: uma leitura interdisciplinar	Fábio Santos Bispo; Nádia Laguárdia de Lima	<i>Educação em Revista</i> , V. 30, n. 2, 161 - 180	Artigo
26	2014	Um estudo sobre jovens e violência no espaço escolar	Leila Maria Ferreira Salles; Joyce M. A. De Paula e Silva; Juan Carlos Revilla Castro; Concepción Fernandez Villanueva	<i>Psicologia & Sociedade</i> , V. 26, n. 1, 148 - 157	Artigo

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores. (2015).

APÊNDICE B RESUMOS DOS ARTIGOS ANALISADOS

Uma reflexão acerca da prevenção da violência a partir de um estudo sobre a agressividade humana	Elaine Vasconcelos de Andrade; Benilton Bezerra Júnior	2009
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232009000200013&script=sci_arttext		
<p>RESUMO</p> <p>O objetivo deste artigo é oferecer uma ferramenta que ilumine a compreensão acerca dos comportamentos agressivos e das situações violentas comumente encontrados na instituição escolar. As palavras "violência" e "agressividade" não são utilizadas de forma inequívoca e estabelecer uma cartografia que demonstre tal fato permite a designação de lugares e formas de tratamento específicos aos fenômenos. Seguindo o modelo teórico proposto pelo psicanalista Donald Winnicott, faremos uma discussão das diferenças entre agressividade e violência, ilustrando-a com a apresentação de um caso trabalhado por nossa equipe de saúde em uma escola pública do estado do Rio de Janeiro. Diante dos questionamentos levantados e das dificuldades encontradas, procuramos mostrar que a desnaturalização da violência e a despatologização da agressividade nos oferecem a possibilidade de propor ações que não se restrinjam ao controle e à correção de tais manifestações, mas que possam ser mais eficientes em prevenir a irrupção e a reprodução de situações violentas, por levarem em conta o contexto social em que emergem e as experiências subjetivas nelas envolvidas.</p> <p>Palavras-chave: Agressividade, Violência, Tendência anti-social, Escola, Contexto social, Psicanálise</p>		

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2014).

Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade	Caren Ruotti	2010
http://www.scielo.br/pdf/ep/v36n1/a10v36n1		
<p>RESUMO</p> <p>Este artigo tem como objetivo central investigar as conexões e os distanciamentos entre a violência em meio escolar e a violência nos bairros de onde provém sua clientela. Procuraram-se identificar fatos que caracterizam a realidade escolar como também as representações sobre a violência. O estudo teve uma abordagem qualitativa, no qual foi utilizada a metodologia de estudo de caso. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas e observações das relações escolares. A escolha da escola esteve pautada em critérios socioeconômicos da população residente, na condição de violência no entorno e na situação de violência da própria escola. Os resultados obtidos indicam tanto a existência de manifestações de violência, próprias da realidade externa penetrando o interior das escolas, quanto o modo como essas representações interferem na conduta dos profissionais e agentes da educação. Essas representações têm por referência dois momentos. O primeiro em que relatos de acentuada violência estimulam sentimentos de medo e insegurança entre os atores da escola, impedindo ou dificultando a ação educativa. Um segundo momento, datado a partir da chegada de nova direção, no qual são percebidas tentativas de reversão desse quadro mediante adoção de disciplina rígida. Os efeitos dessa mudança revelam, por um lado, percepções quanto à redução da violência associada à realidade externa, em especial à</p>		

presença do tráfico de drogas nas dependências da escola; por outro, evidenciam a produção de uma violência institucional, que exclui aqueles resistentes à nova ordem.

Palavras-chave: Violência. Instituição escolar. Jovens. Sociabilidade.

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2014).

Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente	Ana Carina Stelko-Pereira; Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams	2010
--	---	------

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v18n1/v18n1a05.pdf>

RESUMO

Definir violência escolar é uma tarefa difícil, pois o que geralmente se entende por violência depende de aspectos culturais, históricos e individuais. Apesar dessa dificuldade, é possível e necessária a sistematização do que se considera pertencente ou não ao fenômeno da violência escolar. Somente com parâmetros bem estabelecidos é que se pode desenvolver pesquisas de forma a comparar dados de diferentes escolas, regiões e épocas. Assim, este artigo apresenta as diversas definições dadas por pesquisadores à violência escolar, organizando as diferentes perspectivas, de modo a viabilizar um panorama amplo do que se entende por violência escolar. Tal panorama, resumidamente, compreende que a violência escolar incorpora tanto a perspectiva mais explícita da violência, como agressão entre indivíduos, quanto a violência simbólica que ocorre por meio das regras, normas e hábitos culturais de uma sociedade desigual. Ao se utilizar do termo violência escolar é importante indicar o local de ocorrência das situações de violência, quais são os envolvidos, se estes são autores, vítimas e/ou testemunhas de violência, a tipologia das ações de violência e se os episódios violentos possuem alguma especificidade, como o *bullying* e o *cyberbullying*.

Palavras-chave: Conceituação de Violência. *Bullying*. Intimidação por Pares. Violência na Escola.

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2014).

Prevalência e características de escolares vítimas de <i>Bullying</i>	Danilo Rolim de Moura; Ana Catarina Nova Cruz; Luciana de Ávila Quevedo	2011
---	---	------

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572011000100004

RESUMO

Objetivo: Descrever a prevalência de vítimas de *bullying*, suas características e os sintomas associados nas áreas emocionais, de conduta, hiperatividade e relacionamento. **Método:** Trata-se de um estudo transversal aninhado a uma coorte que avalia transtornos de leitura, escrita e aritmética em 1.075 alunos, da 1ª à 8ª série, de duas escolas públicas de ensino fundamental de um bairro de classe média baixa de Pelotas (RS). Foi utilizado o questionário KIDSCAPE para avaliar a prevalência de *bullying* e o Strengths and Difficulties Questionnaire para avaliar características comportamentais das vítimas. **Resultados:** A prevalência de *bullying* foi de 17,6%. O tipo de intimidação mais prevalente foi o verbal, seguido do físico, emocional, racial e sexual. Após o ajuste para os fatores de confusão, o *bullying* se manteve associado com sexo masculino (RP 1,49 IC95% 1,14-1,96), com hiperatividade (RP 1,89

IC95% 1,25-2,87) e problemas de relacionamento com os colegas (RP 1,85 IC95% 1,24-2,76). Entre as vítimas, 47,1% também provocavam *bullying*. **Conclusão:** Este estudo identificou as características comportamentais das vítimas de *bullying* que podem ser úteis para políticas locais de proteção aos alvos de *bullying*.

Palavras-chave: Prevalência. Vítimas de *Bullying*. Violência infantil, SDQ, KIDSCAPE.

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2014).

Violência simbólica em contextos escolares: o discurso de autoridade no filme “Entre os muros da escola”	Tatiane Kelly Pinto de Carvalho	2011
--	---------------------------------	------

<http://www.revistas.ufg.br/index.php/poiesis/article/view/17304>

RESUMO

O objetivo deste artigo é oferecer uma contribuição à interpretação do papel que cabe às trocas linguísticas no contexto escolar na construção do discurso, considerando-se a problemática da violência simbólica no filme “Entre os Muros da Escola”. A partir das estratégias discursivas utilizadas pelos atores sociais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, nossa intenção é propor uma nova leitura das relações sociais dentro das escolas, a partir das contradições nas tensões verbais e não-verbais em alguns episódios da narrativa fílmica. A técnica adotada na análise fílmica baseia-se na decupagem como instrumento de construção de significados para a seleção de trechos da obra. Conclui-se que, em alguns momentos, a autoridade do professor suscita uma visão colonizadora no contexto escolar. Por isso, mostra-nos novas formas e novos olhares sobre os alunos, de maneira a não desvinculá-los da realidade. Assim, trata-se de um assunto relevante não somente para a área da educação, pois levanta questões que não se restringem apenas ao universo escolar.

Palavras-chave: Violência simbólica. Discurso de autoridade. Contexto escolar.

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2014).

A violência simbólica na escola: contribuições de sociólogos franceses ao fenômeno da violência escolar brasileira	Liliane Pereira de Souza	2012
--	--------------------------	------

http://www.revistalabor.ufc.br/Artigo/volume7/2_A_violencia_simbolica_na_escola_-_Liliane_Pereira.pdf

RESUMO

Este artigo aborda o fenômeno histórico e atual da violência escolar, que a partir da década de 1980, no Brasil, vem sendo discutido e adquirindo grande importância para pesquisadores de diversas áreas. Nele a violência considerada não é a do ato praticado no sentido de agressão física, mas a violência simbólica, conceito criado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, segundo o qual a ação pedagógica é objetivamente estruturada e impõe um arbitrário cultural de um grupo de classe a outro grupo de classe. Analisando o fenômeno da violência simbólica é possível identificar sua presença no contexto histórico escolar brasileiro.

Palavras-chave: Escola. Violência simbólica. Estado.

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2014).

A compreensão sistêmica do <i>Bullying</i>	Naiane Carvalho Wendt Schultz; Denise Franco Duque; Carolina Fermino da Silva; Carolina Duarte de Souza; Luciana Cristina Assini; Maria da Glória de M. Carneiro	2012
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000200008		
<p>RESUMO</p> <p>O <i>bullying</i> tem sido foco de pesquisas e intervenções de pesquisadores, educadores e profissionais da saúde do mundo todo, por ser um fenômeno relacional comumente observado em grupos, sobretudo em escolas, caracterizado pela presença de comportamentos agressivos, cruéis, intencionais e repetitivos adotados por uma ou mais pessoas contra outras, sem motivação evidente. Com vista ao enriquecimento das discussões acerca do conceito de <i>bullying</i>, fez-se uma descrição relacional sistêmica desse fenômeno. Para tanto, procedeu-se ao estabelecimento de uma correlação do <i>bullying</i> com os pressupostos de complexidade, instabilidade e intersubjetividade que embasam a compreensão desse fenômeno e com a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. Os achados dessa compreensão sugerem que o fenômeno e as intervenções não podem reduzir-se apenas às características individuais dos sujeitos implicados, tampouco a uma interação entre autor e alvo que ignore a diversidade de pessoas e sistemas envolvidos e a teia complexa de relações compreendidas para de sua manutenção.</p> <p>Palavras-chave: <i>Bullying</i>. Violência escolar. Epistemologia sistêmica.</p> <p>Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2014).</p>		

Igualdade, desigualdade e diferenças: o que é uma escola justa?	Flávia Schilling	2013
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000100003		
<p>RESUMO</p> <p>Neste artigo apresentamos os resultados de uma pesquisa que teve por título <i>Direitos humanos, justiça e violência: percepções sobre a escola justa</i>. O ponto de partida foi a constatação do impasse e da circularidade do debate sobre a violência, a reprodução das desigualdades e o desrespeito às diferenças no cotidiano escolar. Como enfrentar de forma mais oblíqua os conflitos que aí acontecem, lidando de outra maneira com as demandas por uma escola mais justa e pensando em práticas que nos podem permitir ocupar outro lugar? Na pesquisa, realizamos uma sistematização do debate teórico sobre justiça/injustiça e um estado da arte acerca do debate acadêmico sobre a questão, ambos com foco sobre as produções que cercam a escola, além de dois estudos empíricos. Neste texto, que é necessariamente um recorte de uma pesquisa mais ampla, apresentamos os resultados das percepções sobre o justo/injusto coletadas entre alunas(os) do curso de pedagogia da Universidade de São Paulo e estudantes do ensino médio, professores e gestores de uma escola pública de São Paulo. Tais resultados foram obtidos a partir da análise das respostas a uma questão que implicava um relato de uma situação justa ou injusta no mundo e de uma situação justa ou injusta na escola. Encontramos uma forte ênfase na percepção sobre a injustiça, tanto nos relatos sobre o mundo, quanto naqueles sobre a escola, comprovando a discussão teórica de que o positivo é a percepção da injustiça. Essas percepções são apresentadas a partir de algumas categorias construídas, e o artigo se encerra com uma</p>		

breve exposição das propostas sobre o que seria uma escola justa.

Palavras-chave: Justiça. Direitos humanos. Violência. Escola. Igualdade. Diferença.

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores.

<i>Bullying</i> e autoestima em adolescentes de escolas públicas	Camila C. Brito; Marluce T. Oliveira	2013
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0021-75572013000600014&script=sci_arttext		
<p>RESUMO</p> <p>Objetivos: realizar diagnóstico situacional do <i>bullying</i> e autoestima em unidades municipais de ensino, por meio de estimativa da prevalência do <i>bullying</i>, segundo o sexo, faixa etária e situação do ator; identificar o nível de autoestima dos escolares segundo sexo e situação do ator e correlacionar com o envolvimento em situações de <i>bullying</i>. Métodos: estudo transversal, realizado com 237 alunos, do 9º ano do ensino fundamental, em escolas públicas municipais do Programa Saúde na Escola de Olinda (PE). Foi utilizado um questionário dividido em três blocos, um sociodemográfico, outro sobre <i>bullying</i>, validado por Freire, Veiga e Ferreira, e um para avaliar a autoestima, de Rosenberg. Resultados: a prevalência de <i>bullying</i> foi de 67.5%. A população do estudo foi composta por adolescentes do sexo feminino (56,4%), na faixa etária de 15-19 anos (51,3%), de raça/cor preta (69,1%). Grande parte mora com quatro ou mais pessoas (79,7%), em casa própria (83,8%) e com cinco ou mais cômodos na residência (79,1%). Presenciar ou sofrer <i>bullying</i> foram às situações mais registradas (59,9% e 48,9%, respectivamente); Quando se associou os papéis de <i>bullying</i> e autoestima em relação ao sexo verificou-se que no grupo de vítimas/agressores e agressores ($p = 0,006$ e $0,044$; respectivamente), o sexo masculino apresentou escores de autoestima superiores estatisticamente significativos em relação aos do sexo feminino. Conclusão: os achados apontam para um número grande de alunos envolvidos nos diversos papéis do <i>bullying</i>, identificando-se associação entre estas características e o sexo/gênero e autoestima dos envolvidos. Identifica-se a necessidade de estudos adicionais sobre a natureza do evento.</p> <p>Palavras-chave: Prevalência. Adolescentes. Violência. Saúde escolar.</p>		

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2014).

Professores sabem o que é <i>Bullying</i> ? Um tema para a formação docente	Elizângela Napoleão da Silva; Ester Calland de S. Rosa	2013
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572013000200015		
<p>RESUMO</p> <p>A pesquisa, de cunho qualitativo, abordou o <i>bullying</i> na formação de professores, tendo como objetivo refletir a respeito das concepções sobre o fenômeno e do que eles consideram serem formas eficazes de intervenção diante dos casos ocorridos em escolas públicas do ensino fundamental, e ainda sobre as demandas para a formação docente. Foram entrevistados seis professores em uma escola municipal do Recife e seis licenciandos da Universidade Federal de Pernambuco. Como resultado, identificamos que os participantes tiveram dificuldade em definir o <i>bullying</i> e de caracterizar sua abrangência na escola. Consideram o tema relevante, embora apontem que está pouco presente nos cursos de formação. Quanto à intervenção, propõem o diálogo e o envolvimento de pais e de autoridades públicas. Conclui-se que o</p>		

bullying é reconhecido como problema concernente às escolas e aos professores, porém não se constitui num tópico de estudo sistemático na formação de licenciados.

Palavras-chave: *Bullying*. Formação de professores. Ensino fundamental.

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2014).

A violência no contexto escolar: uma leitura interdisciplinar	Fábio Santos Bispo; Nádia Laguárdia de Lima	2014
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982014000200008&script=sci_arttext		
<p>RESUMO</p> <p>Este artigo apresenta uma abordagem interdisciplinar acerca da problemática da violência na escola. Discutem-se, primeiramente, as possíveis definições e caracterizações da violência, tomando-a a partir de diferentes dimensões, tais como a violência subjetiva, a violência simbólica e a violência objetiva, sistêmica ou estrutural. São analisadas as formas simbólicas e sociais da violência institucional que permeia o âmbito escolar, sobretudo a partir de suas relações com a noção foucaultiana de poder disciplinar. Em oposição às crescentes estratégias de controle e segregação articuladas ao biopoder que se fazem presentes no espaço escolar, destacamos a importância de uma educação que valorize a participação ativa dos jovens na construção de saídas para os impasses e conflitos presentes nas relações sociais e pedagógicas, bem como as possíveis contribuições da psicanálise para esse processo.</p> <p>Palavras-chave: Violência. Escola. Poder Disciplinar. Psicanálise.</p>		

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2014).

Um estudo sobre jovens e violência no espaço escolar	Leila Maria Ferreira Salles; Joyce M. A. De Paula e Silva; Juan Carlos Revilla Castro; Concepción Fernandez Villanueva	2014
http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/16.pdf		
<p>RESUMO</p> <p>Este texto é resultado de um projeto de pesquisa sobre a temática do jovem, violência e escola. O objetivo desse projeto foi investigar a interpretação dos jovens sobre a violência na sociedade, na escola e na sua própria vida. O pressuposto é o de que conhecer a perspectiva de agressores e vítimas sobre as suas experiências de violência contribui para esclarecer os universos simbólicos e normativos que regulam as condutas violentas e as possíveis formas de reduzir sua incidência. Os dados foram coletados por meio de grupos focais. Um dos grupos foi constituído por alunos qualificados pela escola como protagonistas de situações de violência. O outro grupo foi constituído por jovens considerados bons alunos. A análise dos dados mostra uma diferença entre a lógica da violência à escola e da escola, e a violência na escola.</p> <p>Palavras-chave: Escola. Violência. Jovens.</p>		

Fonte: Resultados da Pesquisa. Elaboração dos autores (2014).